

reportagem

Semanário das grandes reportagens



Tragédias da emigração clandestina

reporter

O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA
End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

Passaportes

Espanha, França, Brasil e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60

Tel. 762 Porto



A maravilha das grafo-
nolas, a ELECTRO-SONORA,
trabalha eléctricamente
ou por corda, motor
para 110 ou 220 «volts».

118—Rua de Cedofeita—120
PORTO

TABACARIA CENTRAL

DE

Aurélio Ferreira & C.^a, L.^{da}

TABACOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS—
LOTARIAS—SÊLOS, LETRAS E PAPEL
SELADO—IMPRESSOS DA JUNTA DE
CRÉDITO PÚBLICO—JORNALS E REVIS-
TAS—NOVIDADES LITERÁRIAS—PER-
FUMARIAS—ARTIGOS DE ALTA NOVI-
DADE

19, Praça da Liberdade, 20—PORTO

TELEFONE, 258

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e
tantas outras drogas que lhe têm impingido
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bol-
sa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleiros empre-
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.

Constatará que é só

KOMOL

KOMOL, dispendo de 18 cores à sua escolha,
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe
em sua casa, e sem auxílio de ninguém, resti-
tuir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**.
E eles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-
guém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Re-
presentante M. CABRAL—R. Camilo Castelo
Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositário—
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—
Telefone 2 1415—Agente no Porto—A.
QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

CYMA

Se V. Ex.^a tem de presentear alguém,
deve lembrar-se que um relógio
desta marca, é o melhor presente
que pode encontrar.

VENDE-SE EM TODAS AS
RELOJOARIAS E OURIVESARIAS

ABC

A revista portuguesa mais antiga e de maior expansão

Actualidades gráficas do país e do estrangeiro

24 páginas de texto e gravuras

Preço avulso 1\$50

Rua do Alecrim, 65—LISBOA

Homens & Factos do Dia

REFLEXO da grande crise económica que vem avassalando o mundo, Portugal também tem tido as suas horas amargas. Pode dizer-se que a crise portuguesa começou em 1924. Foi então que a falta de trabalho iniciou a sua marcha sinistra sobre o país, deixando um rasto de dôr e de miséria atrás de si. Dois ou três anos depois das suas primeiras manifestações a crise de trabalho era o problema mais grave e mais difícil de resolver, porque não bastavam para a sua solução os recursos nacionais; na época presente os grandes problemas de cada nação estão dependentes do que nos outros países se resolva. A legião dos sem-trabalho ia aumentando. As fábricas fechavam; os escritórios comerciais, sem transacções, viam-se forçados a reduzir o seu pessoal ou encerrar de vez as suas portas. As conseqüentes dificuldades financeiras faziam-se sentir de maneira atroz. Sabia-se que um cancro corroía a nação, mas ignorava-se, por falta de dados estatísticos, a extensão do mal. Foram, finalmente, tomadas úteis medidas para se ter dêste magno problema uma visão nítida.

Na sôde da Circunscrição de Previdência Social, na Rua dos Remolares, 10, 2.º, foi aberta a inscrição para os desempregados. Em dois dias inscreveram-se perto de 2.000 pessoas, pela seguinte ordem de percentagem: operários da Construção Civil, metalúrgicos, marítimos, empregados no comércio, guarda-livros, empregados bancários, ex-comerciantes, trabalhadores rurais, etc.. Aquela Repartição, chefiada pelo dr. Feliciano Santos, constitue hoje a maior esperança daqueles que chegaram à mais extrema e difícil situação, por falta de trabalho. Há famílias inteiras que esperam ansiosas que a abundância e a alegria voltem a seus lares. E nós também estamos convencidos de que o recenseamento de agora muito há-de contribuir para a solução do problema mais grave que, tanto em Portugal como no estrangeiro, se apresenta perante todos os governos.



OS homens do dia actualmente no mundo são incontestavelmente o grande escritor irlandês Bernard Shaw, Lord Lothian e Lady Astor, que acabam de regressar da sua viagem através da Rússia bolchevista. Em Moscow e Leninegrado o grande homem de Letras fez discursos exprimindo tanto as suas impressões como as de seus companheiros ante o espectáculo que a nova Rússia lhes ofereceu. Agora, de regresso a Inglaterra, Shaw continua a manifestar o seu entusiasmo pelo que viu e ouviu no país dos Sovietes, mas fala apenas em seu nome — porque Lord Lothian e Lady Astor retomaram a sua liberdade de palavra, de que voluntariamente se privaram na Rússia, onde a eloquência e a jama de Shaw lhes era muito mais útil. Referindo-se à estranha religiosidade dos russos, Bernard Shaw disse, à sua chegada a Inglaterra: «Luthero e o povo de Belfast saltariam de alegria se vissem o museu anti-religioso da Rússia, porque é um ataque directo aos padres. Luthero atacava os padres porque pensava que eles se interpunham entre o Homem e Deus; Staline combate-os porque se interpõem entre o Homem e o plano quinquenal. Tudo é sacrificado ao famoso plano; o próprio museu anti-religioso está cheio de diagramas representando a produção do petróleo e o desenvolvimento das herdades colectivas.»

O plano quinquenal é o Deus salvador da Rússia. Como os países burgueses recusam os capitais necessários ao seu desenvolvimento económico, os russos privam-se de todos os luxos para comprarem as máquinas que lhes dão a abundância e os operários submetem-se a uma temperança absoluta.

Esta fé nos seus próprios recursos, esta certeza de um futuro melhor, pelo sacrificio do presente, maravilhou os visitantes ingleses.

Basil Thompson, director de duas grandes prisões de Inglaterra, conta algumas das suas mais curiosas recordações que conserva dos



O «papo sêco»: — O cavalheiro faz-me o favor de me dizer como está a água hoje?
O velho: — Não sei... porque só bebo vinho.

últimos momentos de alguns condenados à morte. São atitudes, algumas delas, que nós, homens normais, julgaríamos impossíveis em face da morte inevitável.

Recorda-se Basil Thompson de um homem extremamente educado, polido, que ia pagar com a vida a vida que lhe roubara, sob o impulso do alcool, à sua companheira. O dia da execução amanheceu chuvoso, tristonho, aborrecido.

— Que tempo horrível! — exclamou o condenado.

Thompson, contrastado, pensando que esse homem amável lamentava que o dia da sua morte apresentasse um aspecto tão feroz, lamentou também: «E' verdade. Um tempo horrível.» Mas ficou surpreendido quando o condenado lhe explicou a razão porque se sentia irritado com o mau tempo. Não era por sua causa, nem mesmo estava pensando na sua morte. Irritara-se com o mau tempo porque nesse dia se realizava uma cerimónia pública na qual tomaria parte uma princesa... e sempre seria desagradável para uma pessoa de tão alta hierarquia ter que suportar ao ar livre um dia tempestuoso...

Era aquela ninharia e não a sua tragédia que mais o preocupava nesse dia.

A Inglaterra é, como toda a gente sabe, o país dos «clubs» de excêntricos. Reporter X já focou há tempos, numa formidável reportagem, o «Club dos Meio-Homens», constituído por indivíduos que tinham ambas as pernas amputadas. «Clubs» desta natureza pululam na Grã-Bretanha. Há, por exemplo, o «Club dos Sem Nariz», o «Club dos Homens Felos», o «Club dos Mentirosos», o «Club dos Praguejadores», onde os membros são obrigados a falar a mais ordinária e repulsiva das linguagens, o «Club dos Loucos», aliás formado por pessoas de juízo impecável, e o «Club dos Silenciosos», onde acaba de produzir-se um ruídoos acontecimento.

Três bandidos resolveram assaltar o «Club dos Silenciosos». Irromperam pela sala de reunião e obrigaram os ilustres sócios a esvasiar as algibeiras. Nem os assaltantes nem os assaltados proferiram uma única palavra que atraísse a letra rigorosa dos estatutos. No momento em que os malfeteiros se preparavam para fugir com o produto do roubo, um dos silenciosos abriu uma janela e gritou por socorro. Veio a policia e prendeu os ladrões, entrando de novo os silenciosos na posse do que lhes pertencia. Mas o sócio que chamou a policia, atraçoando a letra sagrada dos estatutos, foi imediatamente expulso do «Club».

O REPORTER X na imprensa estrangeira

O LU DE PARIS TRANSCREVE UMA REPORTAGEM DE MÁRIO DOMINGUES

FELIZMENTE para nós, fóradas fronteiras também nos fazemos justiça, reproduzindo os nossos artigos com uma frequência que, como é humano, nos orgulha. O grande semanário parisiense *Lu* transcreve no seu último número — chegado hoje a Lisboa — uma reportagem do «Reporter X» — «Um antropófago em Portugal» —, um dos mais brilhantes trabalhos que a pena e o instinto de invulgar jornalista do nosso ilustre chefe de Redacção Mário Domingues têm proporcionado a este semanário e que tão vibrante sensação causou nos nossos leitores quando publicado no nosso n.º 46, de 6 de Julho último.

As tranquiéberrias

NEM BOM VENTO NEM BOM CASAMENTO — PORQUE SAÍU PERSONNE DE MADRID? — AS VÁRIAS «ELECTROLUX» — UM SÓCIO DESCONFIADO — TODAS AS PRECAUÇÕES SÃO POUCAS — UM DIA VIRÁ O ARREPENDIMENTO — OS EMPREGADOS ESTRANGEIROS — AS TRANQUIÉBERRIAS DO NEGÓCIO — UMA PESSOA TOLERADA — RUA COM ÊLE!

DIZ o povo (e raras vezes o povo se engana) que «de Espanha, nem bom vento nem bom casamento». Efectivamente, a brisa que de lá sopra costuma ser agreste, cortante, desagradável, retalhando a golpes de cieiro as epidermes melindrosas, e os casamentos, principalmente para os reis, não têm sido dos mais felizes, porque em regra os caprichos conjugais dos soberanos é o povo quem os paga com jurros superiores aos que o Cunha da Rua da Jura arranca aos desgraçados por meio do saca-rolhas cruel da agiotagem. O povo deve ter, portanto, razão em estar de pé atrás ante o que vem de Espanha. Simbolicamente, o dito popular significa que o que de lá se importa, voluntária ou involuntariamente, não presta. Pois antes de assentar arraiais em Portugal, há uns bons seis anos, o sr. Emilio Personne foi, em Madrid, director da «Electrolux» S. A. Veio de Espanha para aqui. E de Espanha, nem bom vento nem bom casamento — nem bom Emilio Personne. Como a brisa cortante, que cresta as plantas e fustiga impertinente as faces de quem a ela se expõe, Emilio Personne entrou em Portugal a crestar com calúnias a reputação dos portugueses e a fustigar, em sordidas investidas de mau patrão, as algibeiras magras dos seus empregados.

Mas porque saíu êle de Madrid? Sim, porque superior e misteriosa razão se resignou êste Emilio Personne, ambicioso, habituado a uma vida de estadao, acostumado às pandegas caras dos «cabarets», ansioso por negócios de vulto que proporcionem ganhos fabulosos, a abandonar Madrid, onde tinha tudo isso em muito maiores proporções, e a vir encafiar-se em Lisboa, uma cidade mais pobre, num lugar inferior? Sim, porque é preciso que se saiba que a «Electrolux», Lda., de Lisboa, nada tem que ver com a «Electrolux», S. A., de Madrid, que pertence à grande «Electrolux» sueca, com sucursais em todo o mundo — excepto em Lisboa.

Esta «Electrolux», Lda., com sede na Rua Mousinho da Silveira, onde o sr. Personne habita, é absolutamente alheia à «Electrolux» S. A., da Suécia. É uma casa comercial à parte, resultante de um negócio particular do actual director da «Electrolux» de Madrid, que se associou ao sr. Emilio Personne para explorar a venda dos aparelhos provenientes da «Electrolux» sueca. Portanto, a casa de Lisboa chama-se «Electrolux», Lda., como poderia chamar-se Personne, Lda., «Espiritolux», Lda... ou outra qualquer coisa limitada. Mas o sócio de Madrid tem tanta ou tão pouca confiança no seu sócio Personne que lhe collocou ao lado um outro sueco, um guarda-livros que devia fiscalizá-lo e que depois de ter acompanhado o seu fiscalizado e patrão em várias orgias nocturnas pelos clubs lisboetas adoeceu gravemente, encontrando-se em tratamento na Guarda. Então o sócio de Madrid, enquanto não arranjou substituto para o fiscal e guarda-livros doente, passou a enviar a Lisboa, duas ou tres vezes por mês, uma pessoa da sua confiança para se inteirar da marcha dos negócios.

de Emilio Personne

Porque motivo o homem de Madrid suporta como sócio em Lisboa uma pessoa que não goza da sua absoluta confiança? Contos largos. Por agora basta que se saiba que a estada de Emilio Personne nesta capital é algo como que forçada pelas circunstâncias e sob o mais apertado cerco de precauções.

A primeira grande precaução dos fornecedores do sr. Personne — tal é a confiança que nêle depositam — é não lhe venderem nem o valor de um alfinete a crédito. Parece que não se deram bem quando lhe forneciam aparelhos para Madrid. Em Lisboa são-lhe fornecidos por intermédio do Banco Lisboa & Açores — mediante pagamento imediato e contra entrega. Ah! Como o sr. Personne há-de lamentar a sua falta de juízo! Não estaria melhor em Madrid, uma cidade animada, cheia de divertimentos, de lindas mulheres, de centros de pândega estonteante? Enfim, quando se fazem as asneiras não se pensa, não se calcula que um Banco — como lhe sucedeu há dias — lhe pode vir a recusar o mísero desconto de uma letra de dez mil escudos.

Ele bem quer disfarçar a sua decadência, dando-se ares de milionário, de pessoa muito acreditada na praça de Lisboa. Mas a própria clientela, que a princípio o tomou a sério, já não o acredita, porque êle teve artes de desacreditar os artigos da «Electrolux» da Suécia, com as manigâncias, as pantomínicas que tem feito com êles, introduzindo em aparelhos novos peças velhas, vendendo como óleo especial — único que diz garantir o funcionamento dos aparelhos — simples óleo da Singer, comprado a 10 escudos o litro e impingido em pequenos frascos de 5 escudos. E' esta a tèmpera do homem que chama selvagens aos portugueses e tem basólias de comprar a Justiça portuguesa. Coitado, julga que a Justiça, que a honrada magistratura portuguesa é como o óleo que compra por um e vende por dez! Como êle se há-de arrepender dos insultos e das traficâncias que tem feito em Portugal, no dia em que o puserem na fronteira! Reconhecerá então que isto era um país delicioso e os seus habitantes os mais delicados do mundo — porque se não fossem tão delicados ter-lhe-iam feito já o mesmo que lhe fez uma sua

ex-empregada a quem êle, como de costume não queria pagar os vencimentos: sovavam-no. Mas não, nós, os portugueses, não o temos sozado.

Temos levado a nossa benevolência, a nossa paz de espirito... lux, até ao ponto de lhe aturarmos,

sem a aplicação do merecido correctivo, as piores insolências.

Basta citar-se a tolerância com que lhe suportamos os atentados contra a lei. A' força de tanto o tolerarmos acabámos por transformar o sr. Personne num autêntico tolerado. Ele sabe, por exemplo (conhece as leis portuguesas melhor do que os portugueses e se não as conhecesse tinha obrigação de não as ignorar), que não é permitido por lei admitir empregados estrangeiros que não sejam especializados. Pois êle mandou vir um de nacionalidade alemã que se manteve ao serviço durante bastantes meses. Foi o caso participado às autoridades, que o intimaram a recambiar o alemão. Teve Personne a sorte — os patifes têm sempre sorte — de não ser multado. Esta condescendência não o tornou grato, antes o animou a atraí-lo mais uma vez a lei «destes portugueses que se curvam perante tudo que seja estrangeiro». Ainda o alemão não tinha desaparecido já aparecia em Portugal outro estrangeiro, sueco desta vez, um simples guarda-livros a quem Personne dava o pomposo titulo de *chefe administrativo* porque, segundo a sua própria expressão, era de «melhor efeito para os portugueses». Alegou o Personne que o guarda-livros era um... especialista. E a especialidade consistia apenas em ganhar três mil escudos por fazer o mesmo serviço de que um português se desempenhava com superior competência por uns míseros quinhentos mil reis. O sueco, um tal Rodin, salvo erro, ainda se encontra em Portugal, numa pensão da Rua Braamcamp, provavelmente aguardando que Personne intimide os portugueses com o seu amigo e cônsul da Suécia em Madrid.

Apenas tentamos escrever mais um artigo sobre este repugnante assunto. Não temos o direito de roubar o espaço aos leitores com êste Diabo. Portanto, as nossas palavras são quasi contadas. Não queremos desperdiçá-las. No próximo número, sem desperdiçar vocábulos, acabaremos de dizer tudo o que de grave e importante se nos oferece sobre o sueco. Depois dêste artigo calar-nos-emos — para que Personne tenha ensejo de dizer que nos comprou o silêncio... E em silêncio — salvo provocação ou maiores proezas que mereçam alarme — nos conservaremos até que os tribunais nos ouçam. Ah, temos muito que contar para regalo do sr. Personne, que veio de Madrid insultar os portugueses.

É bem certo: de Espanha, nem bom vento nem bom Personne. Realmente, êle não é boa peça — ou, com o diria um amigo nosso, que anda há dez anos a aprender francês, sem mestre: — *Ni bonne Personne...*

MÁRIO DOMINGUES



O sr. Henrique Gomes, ex-empregado de Personne, contando a Mário Domingues um pouco do muito que sabe

Este número foi visado pela Comissão de Censura



Bairros de mistério, de crime e de miséria (a)

—, e numa recta impecável só termina a dois quilómetros de distância, numa outra praça — Plaza de España — que em longura seria Campolide, mas que nesta sobreposição topográfica corresponde ao Largo do Rato — e sempre em paralelo com a coluna vertebral da grande cidade.

Durante esses dois quilómetros, o «Paralelo» é marginado exclusivamente por teatros, cabarets, cinemas, tabulagens, *dancings*, «café»-concertos, circos, *restaurants*, «music-halls», «bars», «café», bilhares. Os raros estabelecimentos que quebram este ritmo estão, mesmo assim, a êle ligados: barbeiros, floristas, tabacarias, «casas turcas», onde às 4 da tarde ou às 4 da manhã os frequentadores do bairro podem cortar o cabelo, comprar flores para qualquer *divette*, charutos para depois da ceia — ou acalmar os nervos num banho quente seguido de massagem. Em 1921 existia no «Paralelo» uma centena de salas de jogo. Jogava-se nos *clubs*, nos *dancings* — e até nos cinemas. Andava-se de extremo a extremo escutando a música que escorria das janelas, orquestrada com o tilintar das fichas e com os pregões dos *croupiers*: «Hagan juego, señores!» Mas a nota mais discordante para quem visita este bairro pela primeira vez é o seu paradoxo social, a democracia inversa dos seus costumes, a anomalia dos seus habitantes e os contrastes de todos os seus aspectos. Sendo um bairro de orgia — está apinhado de operários; sendo um bairro fabril (por detrás do casario a arder em electricidade esbanjada surge a floresta das chaminés), por todos os cantos se agrupam *apaches* de todas as escórias, miseráveis de todos os andraxes, gente suspeita de todos os folhetins; sendo um bairro de miséria — enfileiram-se à porta dos casinos *autos* de luxo, atravessam os seus passeios ricasças de chapéu alto, fumando charuto, e mundanas recamadas de joias e vestindo como os manequins da Praça de Vendôme; sendo um bairro de alegria ininterrupta — rara é a noite que o sangue da tragédia não o salpica; sendo um redondel de todos os crimes — é o mais completo *music-hall* de todos os prazeres, de todas as alegrias e de todas as volúpias...

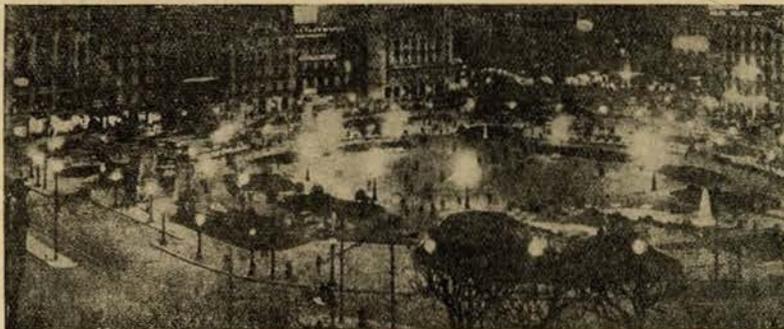
Grandes teatros, luxuosos como «El Español» — onde artistas como Pepe Sempere representam obras primas mundiais ricamente postas em cena, muitas vezes para um público de boina, alpagatas e pescoço nu, que o aplaude, entusiasmado; teatros saltimbantescos, como «El Zorilla», onde artistas de feira representam os *vaudevilles* mais impudicos e obscenos, quasi sempre para um

público elegante de *gentlemen* e damas sumptuosas. Em «El Pompey», «café»-concerto de paredes de papel e solo térreo onde os *coupletistas* mais caducos tremelcam o corpo ignóbil nas «rumbas» mais nuas da terra, as enchentes repetem-se e a clientela é estilizada; no «Ermitage» — o mais «chic» dos *dancings* —, marujos, soldados rasos e «grunjas» cadastrados rodopiam em bailes desenfreados, enlaçando pela cintura as flores mais murchas e miseráveis da valeta. Mas o paradoxo não se limita a estes contrastes. Se nalguns sítios do «Paralelo» as categorias sociais, e até morais, se trocam, noutros misturam-se. Existem teatros e *cabarets* e tabulagens, modestas, ignóbeis ou luxuosas, onde o industrial de *smocking* dança o *charleston* com a *gigolette* de laço vermelho no e não pescoço e flor nos lábios; onde a formosíssima e bem trajada «entretenida» do jóvem Marquês de C... arrisca à roleta a meias com o operário do amante — que de *beata* ao canto da boca e mãos calejadas pragueja blasfêmias; ou onde «*voyous*» esfarrapados se embriagam com «*petits-maitres*» de nacionalidade suspeita e catitismo mais suspeito ainda.

Se o *restaurant* «Napoles» serve as suas ceias célebres, do alto dos seus cinco andares, ao soe da música de sextetos famosos e com requintes de modernismo copiados ao «Pensylvania» de New-York ou ao «Riche» de Paris — as tabernas que se ocultam pelos ângulos sombrios recebem os fregueses em subterrâneos de *films* cinematográficos onde a policia só em grupo numeroso ousa revistar...

A uma dessas tabernas — del «Pára Gat» (do Pai Gato) — fui levado uma vez, em 1921, por dois repórteres catalães: Barangó Solis, do «Imparcial», e Maluenda, do «Diluvio». Preveniram-me de que a clientela da casa era a selecção da escória desprezada pela própria escória. A especialidade do «Pára Gat» era encafiar nos bastidores insondáveis da baiuca gente perseguida pela policia. Os pratos eram rapados — e não lavados. O fartum do azeite frito intoxicava. Os garfos eram privilégio dos fregueses favoritos. O patrão estranhou-nos e rondava a nossa mesa; e como falávamos em francês perguntou a Maluenda quem era eu. Maluenda disse que era um português — e galhofando acrescentou: «Nunca ouviu citar o «timo del português»? (E' o nome que os espanhóis dão ao *conto do vigário*). E o taberneiro, tomando um aspecto grave e protector, atalhou: «Em minha casa recebe-se toda a gente, e se os senhores tiverem um dia necessidade de... (apontou discretamente a porta do fundo), já sabem onde devem bater!» O cavalheiro tinha interpretado mal a graça de Maluenda e ficara a fazer uma ideia muito lisongeira a nosso respeito — lisongeira segundo o seu critério, já se vê...

(Continuação da pag. 14)

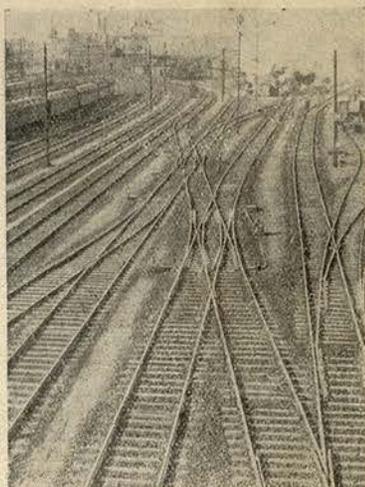


Barcelona nocturna em plena orgia de luz...

N.º III — O «Paralelo» de Barcelona
Montmartre da Península —
A noite eterna de Barcelona —
Dois quilómetros... de
orgia — Os paradoxos —
Ricos e pobres, bons e maus,
operários e mendigos — As
baiucas e os palácios — A rua
sinistra — Uma brincadeira
de crianças — Os três gregos
de passagem... — «Pistole-
ros» e patrões — O espia —
O drama do «Tokio-Bar».

POR mais queimadas que estejam as nossas pupilas pelos brazidos nocturnos dos bairros orgiacos — não contemplamos, sem pestanejar, a eterna aurora boreal do «Paralelo». Se Barcelona é o «Montmartre» da Península — o «Paralelo» é o «Montmartre» de Barcelona. Mas o que mais surpreende o viajante é que se o «Paralelo» alucina como Broadway no paroxismo das suas madrugadas de vicio requintado, luxuoso e caro — também iguala, por vezes, Whitechapel e amedronta o mais audacioso *apache* de Marsella ou de Paris. O «Paralelo» não passa afinal de um «Bairro de Mistério, de Crime e de Miséria»...

O seu verdadeiro nome é «Marquês del Duero»; chamam-lhe o «Paralelo» por causa da geometria do seu corte. Topograficamente, Barcelona assemelha-se a Lisboa. Supondo que a Plaza de Catalunya é o Rossio, as Ramblas correspondem à nossa Rua do Ouro (mais longas — medem quasi 1.300 metros — e animadas noite e dia, como num arraial ininterrupto) e desembocam na Plaza de Colon — que é o Terreiro do Paço barcelonês... de via reduzida. Pois bem: o «Paralelo» começa num largo vizinho a Colon — pensem no Cais do Sodré



Os «rails» bifurcam-se, ramificam-se, multiplicam-se, zig-zagueando às dezenas até ao horizonte.

As maravilhas da nova «gare» de Milão

A estação de Leipzig e os seus quatro hotéis — Uma «gare» monumental... por dentro — Mil viajantes por minuto — Os prodígios da civilização.

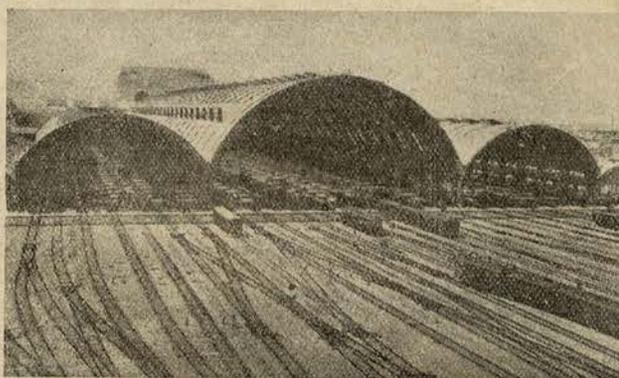
Os portugueses que só empreenderam algumas viagens dentro do país não podem visionar o que é o tráfico de caminho de ferro de além fronteira e as proporções entontecedoras alcançadas em algumas cidades. Essa grandiosidade exterioriza-se, em primeiro lugar, pela magnificência das *gares*. Sem dúvida, a nossa estação do Rossio seduz pelo seu estilo arquitectónico; o túnel da Avenida é audacioso; a estação de S. Bento, pitoresca. Mas como todas as evoluções obedecem ao mesmo ritmo social, as nossas *gares* nivelam-se com a ronceira portuguesa e com a relativa modestia do seu tráfico. Não falando já nas *gares* dos Estados Unidos, reino do

As maiores «gares» do mundo

inverosímil; na *gare* central de New-York e as suas 185 portas, os seus 40 ascensores, os seus holofotes polícromos; nem sequer nas *gares* de Buenos Aires e na de Tokio, ambas superiores às maiores da Europa; e lembrando-nos apenas as do nosso continente — que imenso contraste! A maior de todas, a mais completa e moderna, é, sem dúvida, a de Leipzig, que se fôsse encaixotada no Rossio — talvez o Rossio estorasse. E como que uma cidade dentro da cidade. O viajante encontra dentro dela tudo quanto pode necessitar. Um dos mais importantes editores alemães — Weber & C.^o — tem os escritórios, armazens, lojas e oficinas instalados na *gare*. Existem quatro hotéis e quatro restaurantes e quatro verdadeiros *clubs* — de 1.^a, de 2.^a, de 3.^a e 4.^a classes — correspondentes em preços e comodidades aos passageiros das quatro classes existentes nos comboios alemães. E o mais notável desta estação tão monumental é que, sendo labiríntico o seu serviço de ciceronagem por meio de dísticos luminosos, sinais coloridos, parlofones, etc., é tão perfeito e eloquente que ninguém se perde nos seus imensos corredores, nem se desorienta equivocando-se no eais onde deve tomar o seu comboio. Pois bem. A *gare* de Leipzig acaba de se suplantada pela nova *gare* de Milão, o mais importante centro não só do tráfico interno de Itália como do tráfico internacional italiano. Milão, capital da Lombardia, a mais rica e activa cidade da península que ainda há 30 anos abrigava apenas 400.000 habitantes e que hoje possui 700.000 almas, reúne as oito principais linhas estrangeiras — da França,

da Alemanha, da Suíça, da Austria, da Hungria, da Sérvia, etc.. Uma vigésima parte do tráfico geral italiano, ou sejam 6.000.000 de viajantes, passa anualmente pela *gare* de Milão (algo como 18.000 viajantes diários!). Como se vê pelas gravuras que publicamos, está construída sob cinco enormes «marquises» com 341^m de comprimento e 186^m de largura (só a do centro mede 72^m de largura). Abriga 24 cais, e 70 passagens subterrâneas ligam esses cais entre si, evitando qualquer perigo para o público quando se desloca. A superfície total que ocupa é de 430.000^m quadrados. A 37^m e 40 de altura dos cais foram construídas várias ruas transversais aéreas para o tráfico público exterior, ou seja para que a circulação das ruas não fôsse prejudicada pelo espaço ocupado pela *gare* e pelo movimento que a *gare* provoca à sua volta. Ao centro da *gare* existe uma galeria para passagem dos automóveis dos viajantes, com 190^m de comprimento, 24 de largura e 27 de altura. A sala central mede 64^m por 34^m e 42^m. Trinta e um *guichets* funcionam nessa sala. No *hall* vizinho, 50 quadros eléctricos fornecem ao público todas as informações que neces-

(Conclue na pag. 14)



3 das 5 «marquises» da nova «gare» de Milão, a maior da Europa

O porteiro da Boa-Hora

que se auto-nomeou

É certo que há negócios que não lembram ao Diabo... Na ânsia de arranjar dinheiro de qualquer forma, não olhando aos meios usados para tal fim, há indivíduos que conseguem

as situações mais curiosas, os modos de vida mais estapafúrdios, as ocupações mais pitorescas! Está neste caso o porteiro da Boa-Hora, aquele homem de olhar duro e gestos sobranceiros que numa roda viva constante se tornou senhor omnipotente da portaria do pobre e miserável Palácio da Justiça e o flagelo dos desgraçados que os azares do acaso conduziram ao antigo convento que só por ironia pôde ser cognominado de Boa-Hora.

Pois este senhor ríspido, de modos altaneiros para os desgraçados, todo cortesia e salamaleques para os «senhores doutores», é tanto como tu, leitor submisso que sem discussão costumavas acatar as suas determinações.

Um dia apareceu na Boa-Hora, perante o pasmo das gentes, um senhor que se instalou dizendo que era o novo porteiro. Quem o nomeara e como fôra nomeado? Nunca isso se chegou a saber, e não será fácil averiguar-lo, pelo simples motivo de que não foi nomeado por pessoa alguma... Nomeou-se ele próprio num momento de audácia e sem auxílio da folha oficial. O sr. António Pina — assim se chama o actual porteiro da Boa-Hora que se auto-nomeou — não é homem para meias medidas, e como bom psicólogo conhece a atrac-

ção da multidão pelos dourados. Tratou logo de arranjar um boné de galões e quatro estrélas, tudo de ouro. Foi, então, quando o negócio começou a ser rendoso.

Muito embora o leitor possa supôr o contrário, o modesto lugar de porteiro da Boa-Hora, mesmo com uma tão precária nomeação, é um lugar de fartos proventos, que nas mãos do sr. António Pina se tornou bastante rendoso.

Entra no velho casarão da Boa-Hora um pobre homem e pede uma indicação, coisa simples, comezinha, e o sr. António Pina cobra imediatamente uma determinada esportula. Queres tu, leitor, um requerimento de que precisas para atender às várias complicações em que a nossa Justiça é tão fértil? Serviço, prestimoso, lá encontra a porta o sr. António Pina, que quasi impõe a obrigação de te fazer o requerimento... mediante a módica quantia de dez escudos e alguns erros de gramática. A última hora um réu precisa de um

O que são as "tôres-garages"

que os Estados Unidos inventaram para descongestionar as cidades e que Paris vai imitar



A primeira «tôrre-garage» que a América edificou

O problema do tráfico de veículos, criado pela multiplicação rápida de «autos», sobretudo dos taxis, que em Lisboa começa a preocupar as autoridades e que no Porto, cidade de menor movimento e de mais perfeito serviço de defesa, não se manifestou ainda, tomou, há muito tempo, nas grandes capitais estrangeiras aspectos tão angustiosos como os de uma epidemia ou de uma revolução constante. E a maior gravidade do problema é que sendo impossível reprimir a sua causa — o congestionamento das ruas pelos veículos — ela dilata-se de dia para dia com o ininterrupto desenvolvimento da viação automobilística, tanto particular e taximétrica como a de serviços comerciais — transportes de mercadorias, etc., hoje quasi totalmente absorvida pelo *camion*. Se o Rossio e as ruas dêle irradiadas oferecem, das 18 às 20 horas, um espectáculo de emaranhamento de carros que parece coagular e inter-chocarem-se — que se visione o que será nas horas de maior movimento (e mesmo nas outras) nos grandes centros — a Concorria, a Opera, os «boulevards», o «carrefour» Druot

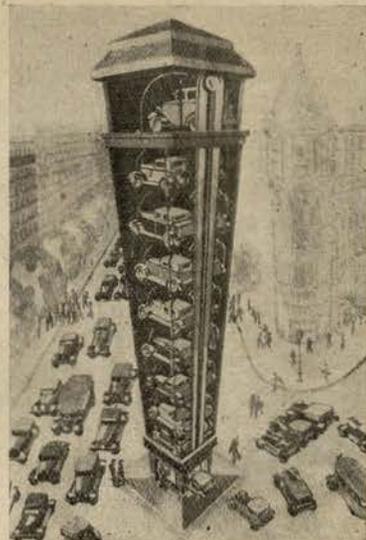
advogado, e, alfito, não sabendo a quem recorrer, pede uma indicação ao sr. António Pina para que lhe lembre um nome, a favor de quem possa passar uma procuração? Lá está êle, o novo porteiro da Boa-Hora, impondo os seus serviços, estendendo uma longa lista de nomes de advogados que lhe dão uma avultada comissão por cada cliente conseguido.

Um negócio rendoso, dirá o leitor, alcança por alguém que precisa dêle para viver, e que a ninguém trouxer o seu pão. Contudo não sucede assim. O caso da auto-nomeação oferece um aspecto mais grave. Na Boa-Hora existe um porteiro de facto, nomeado nas condições da lei e por quem de direito, que, ao ver o seu lugar ocupado por um intruso, em requerimento dirigido às entidades superiores, se queixou do facto.

Meteram-se empenhos, que para negócio de talতোমো valia a pena, e o rendimento de perto de duzentos escudos diários tinha que ser defendido,

(onde desembocam várias avenidas, ruas, etc.), o cruzamento da Rua de Montmartre, etc., em Paris; o Piccadilly Circus, Strand ou Regent Street, em Londres; o Kurfurstendam em Berlim; Puerta del Sol e Alcalá, em Madrid; Via Piemonte, em Roma; a Broadway, em New-York, etc.. São serpentes de «autos», tão ligados uns aos outros como se formassem um só corpo; serpentes paralelas, até à largura das ruas; serpentes cujas cabeças e cujas caudas não se alcançam nem se sabe onde estão, e que, a cada esquina, a cada cruzamento, a cada praça ou «carrefour» se bifurcam, irradiando de si mesmas novos corpos que partem em todas as direcções, cruzando-se com outras fileiras que desembocam, que se ladeiam, que se trespassam, formando um novelo de vertiginoso movimento, um novelo que simultaneamente enrolasse e desenrolasse varios fios, fios que se desbobinassem e se embobinassem de todas as embocaduras em redor. E todo êste tráfico obedece a um ritmo, exteriorizado cientificamente pela acção dos policiaes sinaleiros, das tôres com faróis coloridos, etc.; e ao menor equívoco, à menor desobediência, a confusão que imediatamente se estabelece seria digna do estudo de um matemático. Um exemplo bem frisante da importância dêste problema revela-o o caso que Chiappe contou na imprensa. Na antevéspera do último Natal, às 19 e 35, deu-se um engarrafamento na circulação, numa rua aliás de pouco tráfico — Rue Grange Batlier; um «camion» chocára-se com um «taxi», travancando a artéria. As 19 e 45, êsse acidente reflectia-se até ao início da Rue de Vaugirar, da Avenue Kleber, aos quatro cantos de Paris, paralisando todo o tráfico por successão de paragens anormais a distâncias que, mesmo percorridas de «auto», exigiriam, pelo menos, 15 a 20 minutos. E devido a êsse pequeno precalço toda a vida de Paris sofreu importantes prejuizos.

As conferências entre os prefeitos das grandes capitais repetem-se; os alvitres multiplicam-se: criação de galerias subterrâneas para descongestionar os passeios e alargar o espaço destinado aos veículos; construção de pontes aéreas para desdobraimento do tráfico automobilístico, etc., mas todos estes projectos fracassam pela sua complexidade, careza e exigência de tempo, e... pelas dividas que inspiram quanto ao êxito dos seus resultados. Surgiu agora uma nova ideia, que encheu de optimismo os encarregados de resolver o problema. Veio da América, como é lógico... O engenheiro de uma fábrica geradora de electricidade em Sandusky, notando que a maioria do seu pessoal — mesmo proletário — possuía automóveis, e que estes, espalhados nos arredores da fábrica, prejudicavam a circulação, e depois de reconhecer a impossibilidade de encontrar na vizinhança ter-



Quando é que Lisboa erguerá também uma «tôrre-garage», no centro da cidade?

reno para uma *garage*, resolveu erguer num largo fronteiro uma espécie de tôrre, duma altura equivalente à dos «autos» a guardar, sobrepostos. Somavam êstes 60 ou 70, e a tôrre devia ter sessenta metros de altura e apenas 5^m de largura por 4 de comprimento. Cada empregado ou operário que chegava conduzia o seu carro ao pequeno *hall*, ligando-o a um jôgo de correntes que logo o guindava electricamente; e assim, rapidamente, se armazenaram os 60 ou 70 «autos», ficando êstes suspensos e sobrepostos, a toda a altura da tôrre. A saída, cada um reclamava o seu «auto» e o encarregado do funcionamento daquelle engenhio fazia-o descer, deslocando-o para a esquerda e baixando-o, suspenso pelas mesmas correntes, pelo vão destinado a êste serviço. A iniciativa dêste engenheiro foi imediatamente imitada e aumentada por uma fabrica dos arredores, e pouco depois já a industria de Chicago e de New-York a usava, melhorando-a sempre. O prefeito dêsta última cidade, ao conhecer êste invento, fez logo uma experiência para descongestionar a circulação de Broadway, obtendo um completo êxito. A Europa arregalou os olhos ante este êxito e, segundo afirma o último número da *Science et Monde*, Paris vai construir uma dessas «tôrres-garages» no *carrefour* Druot, em estilo modernista e destinada não só aos «autos» da vizinhança como também para evitar os «autos» parados junto ao passeio, que tanto espaço tiram à circulação. Londres e Berlim não tardarão em imitar Paris.

Quando construirá Lisboa uma «tôrre-garage» no largo D. João da Câmara ou no Rossio?

e o sr. António Pina conseguiu que a sua causa fôsse tão bem advogada que no requerimento acima referido foi lançado um despacho no sentido de ao verdadeiro nomeado não ser permitido estacionar sequer na portaria.

Acresce ainda que o sr. António Pina é uma pessoa que, embora não seja rica, é o que se costuma dizer uma pessoa bem situada na vida. Senhorio na Amadora, proprietário dum hotel em Lisboa, cabo reformado da Policia de Segurança Pública, decerto que não foi a necessidade, antes a ganância de arranjar dinheiro de qualquer modo, que o levou a auto-nomear-se para um lugar que só a outro pertence, pois que



para êle fôra legalmente nomeado.

Justifica-se assim a afirmação de que há negócios que não lembram ao Diabo e verificam os leitores que nem mesmo no triste Palácio de Justiça esta está conforme com as aspirações de tantos que nela confiam e a ela recorrem.

E aqui têm os leitores a história curiosa e inédita de um funcionário da Justiça — é assim que se intitula o sr. António Pina — que se nomeou para um lugar que não tem ordenado e do qual auferia quasi duzentos escudos diários, vencimento que se equipara ao do Chefe de Estado.

As antigas revoluções — 93. — O desfile dos Sans culottes — O alçapão no patíbulo — O mistério de Maria Antonieta — Cromwell — A divindade dos reis e o segredo de Carlos I — A Comuna de Paris — Drama de amor sob os fuzis — Garibaldi e os seus trucs — As revoluções da América — Washington e Lafayette — O enigma do Kremlin — A revolução chinesa, os carrascos e os cofres.

REVOLUÇÃO! A própria palavra estoira — sonora, dinâmica, vermelha, como se saísse de uma goela incendiada. As revoluções são os Carnavais trágicos, sem data certa, em que os povos mais pacíficos se fregolizam e se lançam numa epilepsia de almas contra o Passado. Quantas vidas e dores e sangue sacrificado, através dos séculos, nesse vampirismo! A Revolução Espanhola — a mais recente de todas — está preocupando o mundo inteiro. Iludiam-se os que a apresentavam como exemplo consolador da *Revolução seca* — Revolução sem sangue... Em vez de batalhas — marchas *aux flambeaux*; em vez de *corps à corps* — *chotis* bailados na praça pública; mas quando a fumarada dos foguetes se diluiu no espaço — o sangue que não irrompera do corpo ferido começou a ser golido, em repetidas hemoptises — na Andaluzia, nas Vascongadas, na Catalunha...

Eis o oportunismo desta reportagem... E se o Passado é, de facto, o espelho do Futuro, que radiografem o «Amanhã» da Revolução de Espanha através da galeria das revoluções que vamos evocar...

OS ENIGMAS DO PATÍBULO

Longe vai o tempo em que a rebeldia das turbas explodia em grita alucinada, sem outras armas do que as foices, os punhais, varapaus, machados, trancas — metralhando-se o inimigo com as pedras arrancadas do solo... Pode dizer-se que foi «93» que inaugurou a revolução moderna.

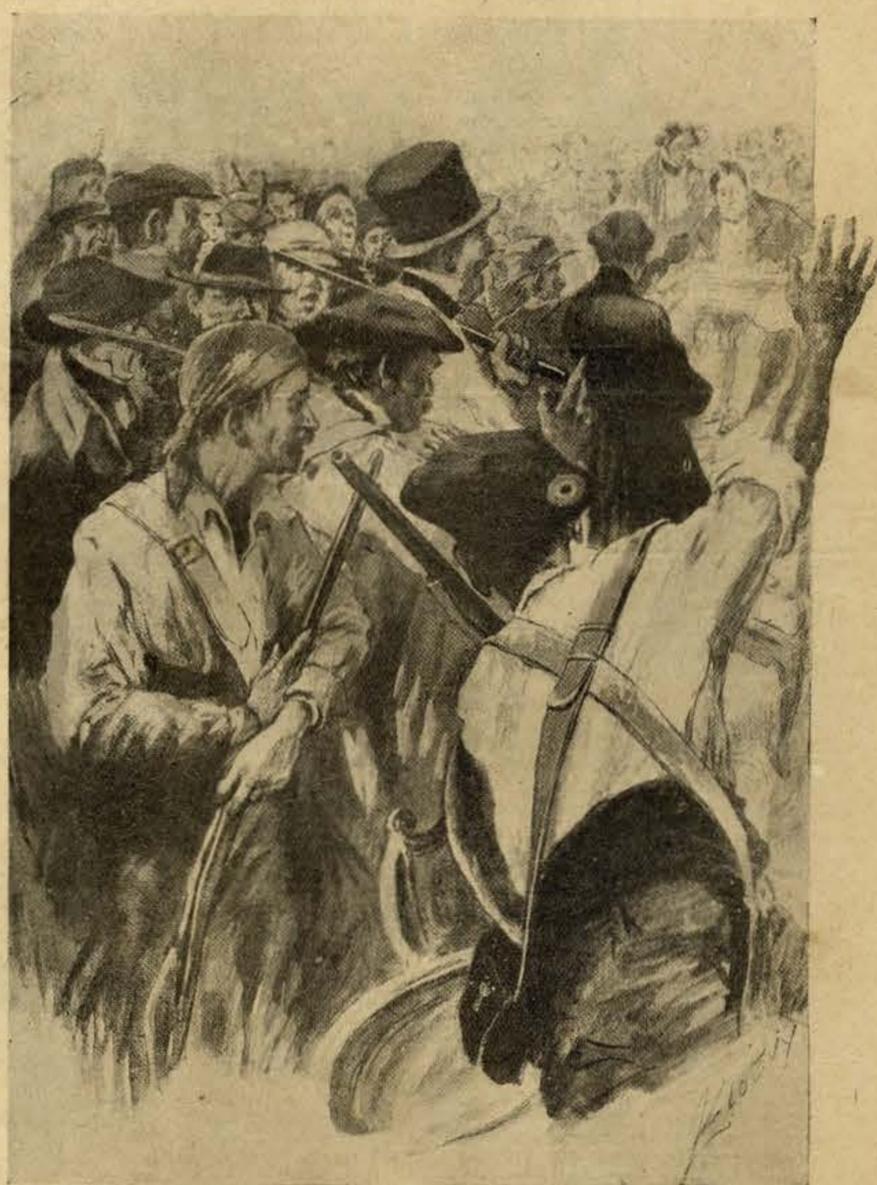
A Revolução Francesa — a «máxima» — ainda hoje provoca uma sensação de terror nas almas sensíveis. Bem sabemos que dificilmente se apagará da memória humana a visão atroz da fuzilaria dos suíços, nas Tulherias, das chacinas dos aristocratas, dos desfiles da plebe dos *faubourgs* — os «sans culottes» de barretes frígios sob a guedelha desgrenhada, as fêmeas, corpos de megéira, os seios a fugirem pelo decote, os carões crispados pelo ódio, as narinas dilatadas — como as das hienas farejando podridões —, as bocarras espumadas de bilis, os olhos chispantes, os punhos erguidos, mangas arregaçadas, os braços nus, tatuados de negro e salpicados de vermelho, e sobretudo da gula insaciável da guilhotina, mordendo, trincando, engulindo cabeças humanas, ininterruptamente, durante anos, e empapando de sangue por tal forma o terreno que, segundo disse Victor Duc, os próprios animais resistiam a passar pela praça. Mas verdade é também que sobrepondo-se a essas páginas de fúria devastadora, de ódio condensado, *Ela* oferece modelos gigantescos ao mármore da História — desde a «Hora-Archote» em que o rochedo granítico da Bastilha foi estarelado pelas mãos do povo, até ao minuto piedoso em que Talien derrubou Robespierre, o despenseiro da guilhotina, comentando, com uma frase apenas, o facto do outro se engasgar no início do discurso. — «E' o sangue das tuas vítimas que te afoga!» Dois mistérios da Revolução Francesa chegaram, sem decifração, até aos nossos dias. Referem-se à rainha. E' verdade ou mentira que

As maiores revoluções do mundo

(Reportagem ao passado e ao presente)

Maria Antonieta merecia as acusações com que a apunhalavam — e que foram o rastilho da Tragedia? Um escritor imparcial — o inglês Lewis Taylor — garante que a sua desdita nasceu da sua própria formosura. Um dos incendiários da Revolta (Robespierre? Treville?...), seduzido pelo encantamento da austríaca, pretendeu guindar-se até aos seus lábios, sendo desprezado e — o que não se perdôa — ridicularizado também. A paixão escarnevada transformara-se em verde rancor; e o rancor inspirara-lhe um maquiavélico plano de difamação; e — foi Lewis Taylor que o disse — todas as ignominias atribuídas a Maria Antonieta são obras dum simulacro organizado graças a uma se-

gunda M.^{me} La Motte cuja semelhança com a rainha era flagrante. O outro mistério refere-se à última tentativa de evasão da rainha. Vários amigos fieis — ou namorados platónicos — deram pretexto a que se escrevesse um livro intitulado «Os 15 projectos para salvação de Maria Antonieta». Todos fracassaram! Nas vésperas de ser executada — mãos desconhecidas machadaram, à louca, no silêncio da noite, o cadafalso, sendo necessário chamar operários para remendar, concertar — também de noite — aquele tablado macabro, visto que de dia os minutos eram poucos para degolar as vítimas. E' ainda Lewis Taylor que recolhe o boato de que esses operários trabalharam por conta



A revolução parisiense de 1834 deve a sua popularidade aos «Miseráveis» de V. Hugo

As maiores revoluções do mundo

de um *complot* monárquico, preparando, num derradeiro desespero, a fuga da rainha por meio de galerias subterrâneas e aproveitando o pânico que outros cúmplices fariam rabiá-la à volta. A rainha subiu ao patíbulo mais alta do que nunca; pisou o carrasco e, sorrindo-lhe, exclamou: «*Oh! Pardon, Monsieur!*»; pousou a cabeça no anel da guilhotina, e foi decapitada; o verdugo erguendo pelos cabelos a cabeça formosíssima, esbofetou-a para lisongear a turba hululante (diz a lenda que a cabeça decapitada... *corou*); mas nenhum incidente revelou o plano de fuga. De todas estas histórias comprova-se apenas o seguinte facto: Dias depois, quando Horace, ajudante do carrasco, enclavinhou as garras sanguinárias nos ombros do Duque de La Montagne, para o conduzir à bocarra de «La Veuve», sentiu, súbitamente, abrir-se o solo sob os seus pés, caindo, desaparecendo nos baixos do patíbulo. Alarmou-se a multidão — julgando-o talvez engulido pelo Inferno; mas Horace não tardou a reaparecer e a comprovar que alguém — quem? — serrara as madeiras do patíbulo, rasgando um alçapão, cujo tempo, mal trancado, cedera ao peso do corpulento verdugo.

O sintoma mais simbólico do fenómeno psíquico colectivo da Revolução Francesa (e de todas as revoluções) conta-o Victorien Sardou, o autor da «Tosca», no seu drama «Thermidor». Vivia em Paris, em pleno Terror, uma moça do povo, cujo rosto servira já de modelo a quadros onde esvoaçavam anjos. Era, desde pequena, sensível, piedosa, chorando por todas as dores alheias. Veio a revolução... Espumava de ódio contra os aristocratas; ofereceu-se para cortar as tranças dos condenados à morte; gargalhava a estoirar ante as angústias cotidianas a que assistia — filhos, pais, maridos, esposas, mães, amigos que se despediam para sempre dos entes amados. Mas todos os sábados, não faltava a um teatro de dramalhões, e ao vêr em cena actores sem categoria choramingarem piégas e inverosímeis tristezas — diluviava lágrimas torrenciais, confrangida e angustiada. E era tão sincera chorando ante os dramas fictícios como rindo junto aos dramas reais da vida...

A REVOLUÇÃO DE CROMWELL

Atribue-se à Revolução Francesa, como a sua mais benéfica obra, o ter esfarrapado em todos os reis passados, presentes e futuros o seu manto mais impressionante para os povos, e graças ao qual os povos se sujeitavam a todas as tiranias reais: o da divindade! Erro e injustiça! Quem de facto desfez a lenda de mando absoluto por direito divino não foi Robespierre no século XVIII — foi Cromwell no século XVII.

Cromwell, filho dum modesto cervejeiro (e cervejeiro é próprio, na mocidade, segundo afirmam), guindou-se à história do seu país graças não só à sua energia mas também à sua inteligência e ao seu saber. Quantas horas de sono e de repouso sacrificou ele preparando-se, na época da sua modestia plebeia, para encher de luz o seu espírito predestinado? Não lhe perdôam os conservadores — mesmo os que nobremente reconhecem o seu talento, o seu patriotismo e os benefícios sociais da sua revolução — a morte de Carlos I. Mas a Revolução, como as guerras, tem as suas exigências dogmáticas — e se a cabeça do rei inglês não lvesse caldo sob o cutelo do carrasco, a obra de Cromwell não seria nunca um facto histórico e tal-

vez ainda hoje a divindade dos reis dominasse as almas populares. Foi Cromwell, degolando um monarca, quem provou a todos os povos que as cabeças dos monarcas eram tão fáceis de destroncar como as dos outros homens. E o feitiço quebrou-se.

Existe um quadro de Myrian Silver, se não erramos, reconstituindo a última noite de Carlos I, dormindo o sono eterno dentro do caixão — e sob o olhar terrivelmente extático do seu cruel juiz — Cromwell. O cenário representa a Torre de Londres, o covil inquisitorial para onde toda a dinastia enviava as suas vítimas, que nunca mais tornavam a vêr o sol. Personagens só duas: o rei morto e o dominador vivo. Luz — a de dois archotes fumarentos que espalham pela câmara ardente uma luz rôxa. No silêncio da madrugada, contemplando a sua obra — não o cadaver dum rei, mas sim de



Robespierre, o amante da guilhotina

todo o dogma histórico —, Cromwell pensou... Fantasia de pintor, este quadro? Não. Myrian não ousou sequer fixar na tela todo o episódio que esta cena simboliza... Cromwell quisera fechar-se na câmara ardente, desprezando a companhia de todos os seus acólitos. Conta-se que Carlos I confiara ao seu fiel Thomas Hart que o segredo do domínio mundial dos soberanos ingleses *era tão minúsculo que cabia numa bolsa*; que ele o recebera do seu antecessor e era seu dever só o entregar a quem viesse sentar-se no seu trono, cumprindo assim o ritual sagrado e secreto de toda a monarquia britânica; mas se a morte o surpreendesse sem lhe permitir fazê-lo, que o entregaria a Thomas Hart, para que Thomas Hart o restituísse ao futuro rei... Carlos I profetizava a verdade: que a República Inglesa pouco duraria e que a monarquia havia de dominar novamente. Mas Thomas Hart, pessimista, previu uma hipótese: «E se Vossa Magestade não puder entregar-me essa... bolsa preciosa? Onde a



O general Kempfer decretou mais de 500 execuções na sua viagem pela Sibéria

devo eu procurar?» Ao que o rei respondera: «Nunca sai de mim próprio; guardo-a sempre junto à minha carne, sob a minha camisa!» Cromwell, não se sabe como (inconfidências de Hart?), teve conhecimento textual deste diálogo, e a partir de então as suas ordens impediram não só que Hart se aproximasse de Carlos I como também que o monarca estivesse um só instante sem uma vigilância atenta. E quando o Lord Protector se fechou na câmara ardente com o cadáver real, o seu único objectivo era descobrir, nas roupas do morto, o minúsculo mas precioso segredo dinástico. Cromwell, de mãos trémulas, entreabriu a camisa ensanguentada do decapitado; e logo, aos seus olhos, que tinham a frieza do aço, se destacou sobre o peito lívido de Carlos I uma bolsa de seda escura, solta já, visto que o pescoco, aonde um fio de ouro a prendia, não podia sustê-la... Arrancou-a de um gesto nervoso; abriu-a: estava vazia. E Cromwell empalidecendo sentiu mau agouro nessa escamoteação. Uma frase pronunciada já no patíbulo convencêra-o de que Carlos I ainda guardava o seu segredo. A quem o confiara ele naquele momento de vida que lhe restava ou quem o furtara no transporte para a câmara ardente? Cromwell nunca o soube, nem a História. Mas Carlos II, ao subir ao trono após a queda da República, declarou que *adiara dois dias as suas resoluções porque a pessoa que possuía o segredo da dinastia sofrera precalços na sua viagem...*

OS DRAMAS DA COMUNA

Do Império napoleónico até à definitiva implantação da República Francesa — quantas vezes se revoltou o povo francês? Oito, pelo menos, mas todas elas empalidecem em contraste com o gigantismo sangrento da de 93. Apenas a de 1834 se celebrou, embora graças à literatura. Foi Victor Hugo, ao reconstituir as suas barricadas no cenário dos «Miseráveis», quem a tornou popular. Contudo, até Napoleão III, as revoluções tinham custado à França 525.000 vidas — pertencendo 500.000 aos anos de terror que se seguiram a 93 e as restantes às várias rebeldias populares, na troca constante e um pouco ridícula de reis e de repúblicas efémeras. Mas veio a guerra franco-alemã de 70, os horrores do cerco de Paris que Afonso Daudet descreve genialmente — e como sua inevitavelmente após todas as derrotas, o amotina-se, ansioso de vingar no imperador ultraje e os sacrificios sofridos. Multidão em dia é uma *menagerie* de feras cegas cujas foram quebradas: qualquer voz as enca. Durante o último Império — fizera-se em uma intensa propaganda de ideias avançadas — uma enorme conjura pronta a dirigir as logo que estas se revoltassem — e assim nasceu a Comuna.

(Continua na pag. 12)

OS CRIMES E MISTÉRIOS

Os fanáticos do passado, na sua lenga-lenga caluniosa contra todos os progressos sociais do nosso século, argumentam que o banditismo se dilata, se multiplica, se aperfeiçoa na ameaça jamais visionada pela Humanidade. Albert Rebeaud descastela esta afirmação publicando um esboço de estatística universal da criminalidade em todos os tempos, no seu recente livro «Les criminels et les fous» (Bruxelas, 1930). Holofoteando com a eloquência dos números, Rebeaud prova que só nos 25 primeiros anos do século XIX a França registou 2.570 crimes facinorosos a mais que no mesmo período do século XX, sem termos em conta o desenvolvimento numérico da população. O que nos fornece, por vezes, essa visão errada sobre a criminalidade moderna é o facto de vivermos numa contínua comunicação com o que se desenrola em todos os países, mesmo os mais distantes. Dai o julgarmos que ontem se praticavam menos proezas sangrentas do que hoje, porque hoje totalizamos os crimes cometidos em toda a parte, desde os de Al Capone, em Chicago, aos do temível Sang-Wong, em Shanghai que nos são relatados diária e minuciosamente, enquanto que ontem apenas nos alarmavam os da vizinhança... Mas Rebeaud vai longe dizendo que «os facinorosos não só eram mais numerosos e frequentes antes do nosso século como também mais tenebrosos, sanguinários, técnicos e maquiavélicos!» E para ilustrar a teoria do célebre criminalista belga, vamos evocar algumas das façanhas mais simbólicas, em todos os países, durante o século passado.

O BANDITISMO PORTUGUÊS DO SÉCULO XIX

Portugal é um país modesto em todas as zonas da vida, mas a pesar dessa modéstia pode afixar uma longa e arrepiante galeria com os heróis do banditismo que ensanguentaram o século XIX, num *grandguignolismo* de proezas que confirma o que Rebeaud escreve sobre a perfeição maquiavélica dos criminosos antigos como ainda não tomamos com nenhum igual no nosso século, felizmente! Não evocando os facinorosos degenerados das revoltas políticas — os Brandões, os Remexidos, o próprio José do Telhado, que Camilo quasi divinizou mas que nem por isso deixou de chefiar uma quadrilha de saiteadores, pronta a picar de chumbo ou a estrapar quem lhe oferecesse a menor resistência —, basta recordar o folhetim satânico de Diogo Alves, que viveu anos e anos dos seus crimes praticados em Lisboa e arredores (o assalto à casa daquela pobre família burguesa em que nem as crianças lhe mereceram piedade; a morte da estancadeira cuja alcova ele invadiu, perfurando-lhe o tecto; as esperas no Aqueduto das Águas Livres, etc); aquele estudante, cujo nome nos esquece, que assassinou quatro mulheres numa

do século XIX

O banditismo decresce! — As estatísticas de Rebeaud — De José do Telhado e Diogo Alves ao crime da Rua das Flores e de Urbino de Freitas — O mistério sangrento dos bosques de Paris — O sinistro dr. Ganimard — Jack, O Estripador — Um escândalo aristocrático em Londres — O judeu polaco — Os desaparecidos de Berlim — Os caixotes macabros.

casa da Rua de S. Paulo para se apossar do pecúlio amealhado, crime milagrosamente descoberto por um cidadão inglês, cujos netos ainda hoje marcam na colónia britânica e que nessa alitiva madrugada se encontrava debruçado a uma janela vizinha, sendo surpreendido ao ver que da citada casa um desconhecido atirava para a rua uma cadela; o próprio *affaire* Urbino de Freitas, acusado de ter morto todo um ramo de parentes, ora usando da sua profissão de médico e dando-lhes drogas fatais, ora galanteando com ofertas de *bonbons* envenenados — tudo pela cubícia duma herança —, tragédia que, a ser verdadeira (ainda existe quem creia na inocência de Urbino e nós ainda um dia havemos de estudar esse mistério), não se assemelha, nem ao de leve, com o mais ignóbil banditismo moderno; o caso das velhinhas de S. Lázaro, mistério que tanto intrigou os portugueses e que foi descoberto por um mero acaso (o assassino das pobres senhoras, que tinham fama de ricasas, foi um padeiro, seu inquilino, que, invadindo-lhes a casa pelos quintais, matou-as, roubando-lhes um masso de notas de cem; e foi uma dessas notas, passada ainda com vestígios de sangue, que perdeu o matador); e tantos outros, confirmam, mesmo em Portugal, os princípios de Rebeaud. Mas se o século XIX foi assim, variado, maquiavélico e pródigo na criminalidade, o que se teria passado em outros países, melhor adubados, pela intensidade de vida, para o banditismo?

A CARNIFICINA DE VINCENNES

Os dois maiores criminosos da Europa no nosso século, pelo número de vítimas, vertigem sanguinária e audácia, foram Landru, o *Barba Azul* das 42 noivas, e o «Vampiro» de Dusseldorf, estrangulador de duas dúzias de jovens desprevenidas. Comparêmo-los ao tremendo *affaire* conhecido na criminologia francesa do século XIX pelo «Caso da Floresta de Vincennes», e o vampiro alemão e o sátiro francês minguem à nossa vista, como pigmeus.

Em Agosto de 1841, umas costureiras que atravessavam, chilreando, o bosque de Vincennes, notaram, por entre árvores, uma numerosa família que dormitava sobre a relva — cena vulgar naquele sítio e naquela época do ano. Mas uma das *gîttes*, metamorfozando as risadas num guincho de dor, apontou às amigas um fitilho rubro que vinha até elas, tracejado desde o local onde a citada família repousava, *zigzagando* num ligeiro declive do terreno. Era sangue coagulado. Dado o alarme, veio a polícia, os «Lecoqs» de 1841. Eram cinco as vítimas: uma senhora viúva (M.^{me} Silvain), 38 anos ainda belos, uma filha de 18 anos e três filhos pequenos — o mais novo com cinco anos apenas. Os matadores haviam usado



O judeu, ao ver que Otto não morrera, lá enlouquecendo. (Gravura de «Die Krimen von Berlin»)

um instrumento perfurante que não era nem navalha nem punhal. O que mais surpreendeu a Justiça foi encontrar vestígios de um cerco de arame em redor do trágico tablado, existindo ainda em algumas árvores pedaços dum arame arrancado à pressa pelos criminosos. Qual o segredo deste expediente? Soube-se apenas que M.^{me} Silvain tinha dois dos filhos achacados, que costumava dar com eles passeios diários pelo bosque, e que ultimamente transferira essas excursões para de noite. Saira na véspera às 8 horas e (naturalmente!) não regressara a casa. A quem podia interessar aquela chacinha? Ela herdara do marido 50.000 francos — e o único herdeiro era um primo que vivia em Alger. Logo por uma dessas diabruras do Acaso esse primo voltara a Paris uma semana antes do crime. O index policial caiu sobre ele, sendo preso; e tantas eram as coincidências em seu desfavor que já lhe profetizavam a guilhotina, quando, no mesmo bosque e num local pouco afastado do da outra tragédia, se descobriu outro estendal de cadáveres: M.^{me} Lavallois, esposa dum coronel destacado nas colónias, uma cunhada sua e dois filhos pequenos, todos assassinados pelo mesmo modo — instrumento extraordinariamente perfurante —, encontrando-se igualmente, em redor, vestígios de um cerco de arame. E como M.^{me} Silvain, M.^{me} Lavallois dispunha de uma pequena fortuna. Este crime veio aliviar as ameaças que pesavam sobre o prisioneiro, que não tardou em libertar-se, visto que, na semana seguinte, uma terceira tragédia se anunciava com as mesmas características e no mesmo bosque. Desta vez as vítimas eram uma velhinha, dois netos, órfãos, e uma criada. Escusado será dizer que a pobre anciã possuía o seu pecúlio.

A imprensa do tempo protestou contra as autoridades que deixavam impunes sanguinários criminosos desta audácia, e o bosque de Vincennes começou a ser patrulhado por várias brigadas de gendarmes. Mas os assassinos ou assassino nem assim desistiram dos seus planos. Contentaram-se em mudar de palco para as suas proezas. Passados cinco meses, duas famílias eram chacinadas no Bosque de Bolonha. E a série vermelha teria prosseguido se o Destino não se fatisse de favorecer esta fera humana.

Um ano antes do primeiro crime instalara a sua clínica em Vincennes um jovem médico, dr. Ganimard. Um dos primeiros clientes foi um funcionário bancário de nome Lucien Hugo, parente do genial autor dos «Miseráveis». Quando, ano e meio depois, os parisienses viviam obcecados pelo terror do «assassino dos bosques», agravado pela sua reparação no «Bois de Boulogne», Lucien Hugo dava com a sua família uma passeata domingueira por Neuilly, notou numa rua vizinha ao bosque a existência de uma clínica em cuja ta-



O crime do Bosque de Vincennes, segundo uma estampa popular da época.

(Continua na pag. 15)

Tragédias da emigração clandestina

DAS grandes epopeias da miséria humana do nosso tempo (o trabalho nas minas, a exploração no degredo da Guayana e as levadas de trabalhadores negros em algumas regiões africanas) a do emigrante clandestino não é, decerto, a menos dolorosa, a menos trágica, a menos comovedora. Ah!—não! O emigrante clandestino é o homem que na nossa época se sujeita às mais inesperadas e perigosas aventuras; o que, impellido por uma desmedida ambição de riqueza e de felicidade, se lança de olhos fechados no abismo, como o suicida que tem a certeza de que no Além encontrará a paz inigualável do não ser.

Nos esconderijos ignorados dos grandes transatlânticos, quantos sofrimentos, quantos dramas, quantas noites de vigília, quantos dias de ansiedade e fome o emigrante clandestino suporta! Tudo porque alguém explorou com as suas imaginações ingénuas que fantasmas no outro lado do Atlântico minas de ouro à mercê de quem o queira colher. Esse alguém é o engajador clandestino de emigrantes.

O ENGAJADOR CLANDESTINO

O traficante de homens (que pouco se distingue em repugnância do traficante de carne branca) é o parasita dos grandes portos da Europa. Marselha, Nápoles, Havre, Bordéus e Lisboa contam-nos às centenas. Desgraçado provinciano que lhe caia nas garras com alguns escudos no bolso, já sabe que perde os escudos e é despachado em qual quer esconderijo de bordo para um porto da América.

Mas quantos desses pobres-diabos chegam ao seu destino? Quantos não ficam pelo caminho, asfixiados em qualquer *cabine* secreta de bordo? E quantos não são lançados ao mar como qualquer fardo de pouca monta que tivesse caído por descuido?

O engajador faz embarcar as suas vítimas por todos os meios, mesmo os mais inverosímeis e perigosos. Ronda os cais e os bairros tenebrosos das imediações dos portos. Quem o vê, com o seu ar inofensivo, encostado a um poste de iluminação, amparado às ombreiras dos botequins

clandestina

A grande epopeia da miséria humana—Os parasitas da desgraça—Tráfico de homens—Melidos num caço—A prisão a bordo—Um cozinheiro de bom gosto—As malas que caem ao Tejo—Seis portugueses asfixiados—O oceano tudo sepulta—Uma avalanche de carvão sobre emigrantes negros.

frequentados pela turba-multa marítima, não dirá que sob o seu aspecto insignificante se oculta uma verdadeira alma de bandido capaz das proezas mais repugnantes.

UMA TRAGÉDIA SILENCIOSA

Um desses bandidos que faz quartel-general no Havre, no bairro Saint-François, um italiano de má fama, que se dizia director do Banco Balkans, sobre o qual passava cheque—Banco que nunca existira—, ganhou 30.000 francos a seis compatriotas, tomando o compromisso de embarcá-los para New-York. Mascarou-os de creados e conduziu-os ao navio que ele conhecia muito bem. Com a ajuda de uma corda fê-los descer para o fundo de uns vinte metros. Quando o último descia, a corda quebrou-se. O desgraçado mal teve tempo de se amparar às paredes do respirador por onde o engajador os enfiara, com os cotovelos e os joelhos, e só ao cabo de mil esforços pôde juntar-se aos companheiros que o esperavam em baixo.

Mas ao cabo de uma ou duas horas, os pobres emigrantes descobriram que o seu esconderijo dava para uma caldeira e que se tornava um verdadeiro inferno. Encontrar-se-iam mais tarde seis cadáveres, se os infelizes não conseguissem, depois de uma luta heróica, alcançar o topo do poço onde haviam caído, indo refugiar-se atrás das chamûes, sob a ventania cortante da tempestade. De manhã—após uma noite de angústia—deixaram-se prender. A prisão a bordo não era mais agradável: um cubículo, onde o ar penetrava por uma abertura minúscula e gradeada. Dormi(m sobre as placas de ferro e recebiam ao meio dia pão e água, à tarde uma sopa e de manhã um pouco de café.

UM TRÁFICO GALANTE

A bordo de um paquete francês que fazia carreiras no Atlântico Norte, havia um cozinheiro que pouco se importava com a emigração clandestina dos homens, interessavam-lhe mais as mulheres. Preferia embarcar uma jóvem em cada travessia porque a sua emigrante clandestina era



Um rapaz descoberto num esconderijo de bordo

obrigada a viajar com êle em estreita companhia. A protegida fazia uma travessia confortável e chegava ao outro lado do Atlântico sem ter perdido sequer a frescura da pele...

Este comércio clandestino durou até ao dia em que um comissário especial, deixando-se ficar a bordo, sob o pretexto de procurar contrabando de alcohol, mandou abrir a *cabine* do cozinheiro, e dentro de uma gaveta colocada por cima da cama, descobriu, numa «toilette» ligeiríssima, uma rapariga muito bonita que suava em bica e que parecia impossível que não tivesse morrido asfixiada.

AS MALAS:—ESPECIALIDADE LISBOETA

A especialidade de certos engajadores lisboetas é a das malas. Contou-nos há pouco um «rato» do porto que o processo diabólico fôra introduzido em Portugal por um italiano também especializado em falsificação de passaportes. O negócio por passaporte começou a render pouco, visto que na Norte América tal documento já não é a chave principal que abre as portas daquele Eldorado. O emigrante para entrar nos Estados Unidos precisa ter muito dinheiro e trabalho, o que a maioria dos desgraçados não possui. O italiano entendeu, portanto, que o melhor seria passá-los escondidos. Adoptou o processo das malas ventiladas, providas de algum alimento, onde o emigrante viajaria escondido, de cumplicidade com alguém da tripulação. De noite, o viajante saía uns instantes para desentorpecer as articulações, etc.. Sucede, porém, que nem sempre os «clandestinos» têm oportunidade de sair de noite, porque nem sempre o tripulante cumplice o pode ir libertar, devido ao rigor da vigilância. Alguns fôram encontrados mortos ao fim de três e quatro dias daquela horrível posição. Os traficantes não hesitam: arremessam as malas com os cadáveres ao mar e acabou-se uma triste odisseia. O oceano tudo sepulta em silêncio.

Mas há engajadores criminosos que, depois de apanharem o dinheiro à vítima, não esperam que ela venha a morrer no alto mar. Caem muitas malas misteriosas no Tejo. Que conterão essas malas que ninguém procura, que nunca faltam a pessoa alguma? Mistério—um dos muitos e tenebrosos mistérios da emigração clandestina em Portugal.

(Conclue na pag. 13)



Um emigrante com pouca sorte, apanhado no momento em que se precipitava no mar para fugir à policia

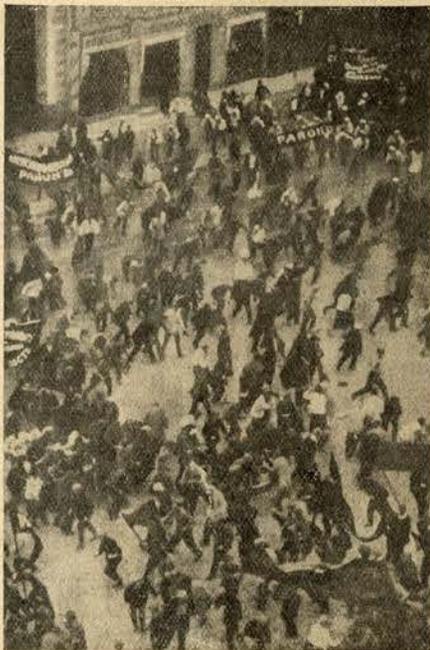
As maiores revoluções do mundo

(Continuação da pag. 9)

Houve o assalto aos palácios, prédios encharcados de petróleo, ruas inteiras incendiadas pelos archotes dos revoltosos alucinados; e por fim a repressão, os *boulevards* transformados em campos de batalha, os fuzilamentos em massa... De todos os dramas da Comuna o mais teatral é, sem dúvida, o de Marguerite Verun. M.^{lle} Verun, literata, era uma das cento e doze mulheres que pertenciam ao Estado Maior revolucionário. Desde o liceu que era amada por um avançado, Theodore Sux, jornalista da *Verité*. Ela aceitara a corte de Sux mas... «Aguardemos a vitória da nossa causa!» — dissera-lhe Marguerite Verun. — Nenhum de nós tem o direito de se comprometer — enquanto *ela* (a causa) não vencer!» Durante a Comuna, Sux, a quem o amor começara a entoxicar, julga descobrir uma traição desleal em Marguerite. Ela amava mais a causa do que o amava a ele! E sofreu esta traição como se a tivesse surpreendido em flagrante falta! A Comuna parecia então triunfar — e o *comité* central reuniu-se secretamente numa cave para decidir o golpe decisivo. Apenas quinze chefes estavam convidados — e nem os mais íntimos da revolta o sabiam. Súbito, a meio da conjura, a única porta da cave vòu em estilhaços e o recinto é invadido pelos soldados do general Gremier — de baioneta apontada ao peito dos conspiradores. Ao amanhecer do segundo dia estes quinze chefes da Comuna eram encostados ao muro dum cemitério — e enfrentados pelos fuzis dos executores militares. Marguerite, pálida mas ativa, entrelaçou os seus dedos nos dedos do seu nóvio, que chorava, com soluços de crânio, ao seulado. — «Não chores!» — pediu Marguerite Verun. — Não des a esta gente a impressão de que somos covardes!» — «Não é a morte que me arranca estas lágrimas!» — confessou ele. — E' o remorso. Fui eu quem denunciou a reunião — e denuncié-a para me vingar, como se me vingasse de um amante teu, visto que a nossa causa te roubava aos meus braços e tu lhe tinhas mais amor do que a mim.»

GARIBALDI

A Itália é um terreno predestinado às revoluções — desde sempre. Mas a mais solene e patriótica de todas é, sem dúvida, a de Garibaldi, à qual ela deve a congregação de todos os pequenos Estados que a estilhaçavam. Garibaldi era bem o símbolo do revolucionário romântico: guedelhudo, olhos febris, eloqüente e bravo. Por muito palavrosas que sejam as suas tiradas — não se lhe pode negar beleza e nobreza. «Não vos prometo senão fome, frio, privações, talvez a morte e — o que será pior ainda — a derrota. Mas a derrota é tanto mais certa quanto menor for o número dos que me acompanharem. Agora que me siga quem for



Uma cena da revolução russa

valente e patriota!» E com este pessimismo negro arrastou Garibaldi atrás de si milhares de voluntários — os «camisolas vermelhas». Acusam-no de falta de sinceridade e de muito «truc» nos seus lances mais brilhantes. Acharnos severidade excessiva acusar assim quem arriscou a vida como ele e quem como ele deu provas de abnegação, de coragem e de fé nos princípios que defendia. Não quer isto dizer que, como todos os condutores de homens, sendo inteligente, não procurasse, por vezes, teatralizar os seus actos — para deles tirar maior efeito e portanto maior benefício para a causa. Conta-se que uma noite, em S. Carlo del Jorri, onde tinham acampado, Garibaldi, para evitar definitivamente piéguices dos seus imediatos — perigosas para o triunfo da Causa Pátria —, declarou que pela Itália se devia sacrificar tudo, o próprio coração se por acaso o coração representasse uma ameaça. Neste instante aqueles para quem estas palavras eram indirectamente dirigidas rejubilaram. A guarda avançada prendera uma espia — e essa espia chamava-se Leonor Bruzzo. Todos conheciam a paixão que Garibaldi tivera na sua juventude por uma Leonor Bruzzo, filha de um médico napolitano — e que ele já mais esquecera. Garibaldi empalidece e sente-se fraquejar. A ordem era bem clara para todos — sobretudo depois do que ele proclamara havia pouco: todo o espia, homem ou mulher, e fosse quem fosse, seria passado pelas armas. Procurando afectar indiferença — e ordenou que a fuzilassem ao nascer da manhã. Dias se passaram, e um dia, na intimidade com Dumas pai, que o acompanhara na revolta, confessou: «Aquele Leonor Bruzzo nem sequer se parecia à que eu amei na mocidade. Uma simples coincidência de nomes! Calcula tu o alívio que senti ao aperceber-me da verdade! Mas não deixei escapar o pretexto de dar um belo exemplo aos meus homens. Representei a dor, cheguei mesmo a chorar, e todos ficaram convencidos de que eu sacrificara o coração para

cumprir o meu dever! Mas o mais pitoresco da cena — as tragédias também têm uma face de comédia — era a cara da infeliz — uma prostituta de Florença que os meus inimigos tinham enviado para nos espiar — ao verme tão comovido e ao escutar-me aquelas palavras — ela que nunca me tinha visto mais gordo!»

UM CONTINENTE REVOLUCIONÁRIO

A obra revolucionária de Garibaldi não se limitou à Itália. Ganha a Causa Pátria — partiu para as Américas latinas como um estratégico das Revoluções. Mas na América pouco brilhou porque o toldaram sombras gigantes como a de Bolívar. A Argentina, o Uruguay, o Chile, o Perú, Venezuela, Colombia — todas estas antigas colónias de Espanha devem a sua independência a esse gene-



Garibaldi, o famoso revolucionário italiano

ral milagroso que era Bolívar, que, numa época em que não existiam outros meios de transporte que não fossem... os cavalos, tão depressa surgia em Buenos Aires como em Caracas — distancias que percorridas hoje em caminho de ferro gastam a bagatela de dez dias. Era infatigável e duma energia máxima! E' possível que tenha nascido desse facto a tendência revolucionária que os latino-americanos exibem há mais de um século. Segundo a estatística dum jornalista *yankee* deram-se até hoje no continente americano *duzentas e doze revoluções*. Os Estados Unidos pouco contribuíram para essa cifra — e a sua história apenas regista duas revoluções de *verdade*: a de Washington, contra o poder inglês — à qual os *yankees* ficaram devendo a sua independência; e a do «norte contra o sul». A primeira teve um remate romântico há poucos anos, em 1917 — ou seja mais dum século depois. Como se sabe, Lafayette, general francês, ofereceu-se para colaborar na revolta, e foi, em parte, graças ao seu heroísmo, e sobretudo ao seu génio militar, que a Inglaterra sofreu uma das raras derrotas de que se lamenta. O nome de Lafayette divinizou-se na memória dos americanos de todas as gerações. Quando a América declarou guerra à Alemanha, o comandante do primeiro destacamento que desembarcou em França, antes de mais nada, pediu para o acompanharem ao túmulo de Lafayette; e uma vez lá, e depois de o juncar de flores, perfidou-se e exclamou: «Lafayette! Cá estamos! Vimos pagar-te a visita que nos fizeste!»

A segunda revolução americana foi, como se sabe, uma revolução de fazendeiros. Toda a imensa riqueza agrícola assentava na escravatura dos negros. Ora assim como o West americano era o paraíso dos mineiros, o sul era dos agricultores e o norte era dos industriais e comerciantes. Mas já todos os Estados haviam professado os princípios de liberdade e de humanidade, e como o romantismo também chegara à America — desencadeou-se uma tempestade de cólera contra os «negreiros». Um homem bom, inteligente, modesto e forte — o presidente Lincoln —, interpretou a aspiração da maioria extinguindo a escravatura. Era fatal: o sul revoltou-se. E' esta a mais antipática de todas as revoluções porque não teve outro motivo nem alvo que não fosse o do mais infame dos tráficos: o tráfico humano. Ganhou o norte; e quando Lincoln era premiado pelo delírio constante com que as multidões brancas o aplaudiam — uma bala fez parar para sempre o seu nobre coração. Quem o assassinou? Suprema ironia do Destino: um negro, um escravo recém-liberto! Porquê? Mistério...

AS REVOLUÇÕES MODERNAS

Neste século evocaremos, como a primeira

de categoria, a da Sérvia, onde os partidários da actual dinastia assassinaram cruel e sangüinariamente o rei e a rainha. A seguir — veio uma quasi pífica e passiva: a dos «jóvens turcos». Para muita gente este rótulo revolucionário foi um enigma. Os «jóvens turcos» era toda a mocidade muçulmana — estudantes, intellectuais, artistas — que se impôs ao corcovado e caduco sultão — obrigando-o a deixar a sua carruagem à *Daumont* e a comprar um automóvel. Não se riam. Foi este, de facto, o primeiro gesto do soberano para provar aos rebeldes que aceitara as reformas que eles impunham, transformando a Turquia — quasi intacta desde a queda de Byzâncio — num país europeu. Sem a revolta dos «jóvens turcos» não seria possível ao actual reformador, Kemal-Pachá, substituir o fêz pelo chapéu de côco, desvelar os rostos das belas muçulmanas (que de desilusão isto causou!) e obrigar os habitantes de Stambul a não despejarem o lixo para a rua. Os turcos — é tradicional — são duma indolência de lesmas. Repelem o menor esforço. Precisamente por isso a revolução sofreu a troca das caricaturas. Um exemplo: Os «jóvens turcos» venceram sem um tiro. Encontraram apenas uma resistência: a dos cinco marechais do partido conservador; e como estes os hostilizassem gravemente — os vencedores decretaram a sua morte. Levados para o local da execução — quatro foram lentamente dependurados pelo carrasco, que bocejava de cinco em cinco minutos; e quando ia a liquidar o último — viu que a quinta força não possuía o esparto necessário. Correram a cidade a buscá-la e quando voltaram encontraram o verdugo e o condenado a dormirem a sono sóto — costas com costas.

Entretanto veio a guerra — e a Rússia, onde há séculos o povo vivia numa mística e constante revolta contra o *knut* dos janizaros, incendeia a maior revolução dos tempos modernos. Fôra ela iniciada pela mocidade romântica do final do século passado; mas quando, após a morte de Rasputine, os conservadores, os maus conselheiros desse gigante triste que foi Nicolau II, viram o perigo inevitável — tentaram erguer um dique às ameaças que se dilatavam na sombra, destronando o imperador e implantando a república democrática e socialista de Kerensky. Era tarde! O solo estava todo minado. Os cadetes tentaram uma desesperada defesa — deixando-se chacinar em in-críveis batalhas de rua. O general Kempfer — julgando que o perigo vinha do Oriente — cria o célebre «Combóio da Morte» (leia-se «Sangre y Nieve» do húngaro Rendregau), que percorreu dez vezes a Sibéria, enforcando perto de 500 suspeitos. Deram-se por fim os chamados «Dez dias que fizeram tremer o mundo» — e pela primeira vez é implantado na Terra um regime comunista. Quando Lenine e os mais comissários do povo se aposaram do Kremlin — estes exigiram a um dos seus velhos guardas que os ciceronasse por aquele labirinto imenso — que se ergue entre a Praça Vermelha e o Rio Neva. O guarda mostrou-lhes salas, dezenas, centenas de salas e de salões e galerias e alcovas. Súbito estacou: «Nem que me matassem eu abria aquela porta e entraria nessa ala — a única que não tem janelas.» E explicou: «Uma lenda macabra, alitiva, muralhou para sempre aquela parte do castelo. O último imperador que tentou quebrar o feitiço — Pedro III — voltou louco.» Riram-se — mas não teimaram. O conto do velho guarda correu de boca em boca — até que um dia, um jovem funcionário, audaz e sem crenças, intentou um *raid* à condenada ala, e nunca mais regressou ao mundo dos vivos. E, pior ainda, ninguém tentou ir buscá-lo. Este incidente deu-se durante uma ausência de Lenine; e quando o

Reporter X

Tínhamos resolvido que o nosso semanário fôsse posto à venda ao público todas as sextas-feiras, o que não conseguimos esta semana devido aos últimos acontecimentos.

Que os nossos leitores, sempre generosos, nos perdoem.

Tragédias da emigração clandestina

(Continuação da pag. 11)

O TRISTE FIM DE SEIS PORTUGUESES

A força da emigração clandestina portuguesa faz-se para a América do Sul. O Brasil e a Argentina são a maior força de atracção do provinciano português. Ele despoja-se de terras, de jóias, de tudo, para obter o dinheiro que o engajador lhe exige em troca de uma viagem de êxito hipotético. O engajador exerce sobre o emigrante uma influência quasi hipnótica. O pobre-diabo nem um só minuto duvida da veracidade do que o traficante lhe diz, obedece a todas as suas indicações, a todos os seus conselhos, como se os escutasse dum pai que lhe quisesse bem.

Os que de Portugal se destinam à América do Norte nem sempre saem directamente de Lisboa. A sua odisseia é mais prolongada. São enviados primeiro para qualquer porto de França, e dali, se não os apanham e recambiam para Portugal, seguem escondidos nos transatlânticos que fazem a carreira do Atlântico Norte.

Há tempos, seis portugueses conseguiram chegar à América sem serem descobertos durante o percurso. Depois do navio atracar, continuaram aguardando no seu esconderijo o momento oportuno para se escaparem para terra. Porém, sucedeu-lhes um precalço fatal. As autoridades sanitárias, depois de terem feito sair toda a gente do navio, resolveram desinfecá-lo, e os pobres portugueses, cuja existência era ignorada a bordo, morreram asfixiados pelos gases desenvolvidos pelo poderoso desinfectante.

OS DRAMAS NO MEDITERRANEO

Infelizmente estas tragédias são pouco conhecidas das multidões migradoras. Se elas soubessem que na maioria dos casos, em vez da riqueza

e da felicidade, as aguarda quasi sempre a miséria, o sofrimento e a morte, talvez os impetos de aventura se moderassem mais, grande número de secretas desgraças se evitassem.

O Mediterrâneo também tem os seus dramas. Na Algéria pululam igualmente os agentes clandestinos de emigrantes, os traficantes de homens. Ainda não há muito tempo que a bordo do *Sidi-Ferruch*, que fazia a travessia da Algéria para Marselha, se desenrolou um drama atroz.

Algumas horas antes da partida da Algéria, o *Sidi-Ferruch* embarcou clandestinamente, graças à cumplicidade de gente da tripulação, um grupo de indígenas, que foram escondidos num depósito de carvão de reserva.

Durante a primeira parte da viagem tudo decorreu bem, mas na noite que precedia a chegada a Marselha, o navio foi assaltado por uma forte tempestade. Para evitar que a água entrasse nos depósitos de carvão, foram estes hermeticamente fechados. Mas como o navio se inclinasse súbitamente para bombordo, os pobres emigrantes foram envolvidos na enorme massa de carvão, que os soterrou. Só algumas horas depois da chegada a Marselha procederam ao trabalho de endireitar o navio, estivando os depósitos de carvão. E descobriram-se, então, dez, doze, quinze homens esmagados sob o peso do carvão. Alguns, horrivelmente feridos, ainda respiravam.

Quando terminaria estas tristes cenas, na sua maioria sepultadas para sempre no silêncio? Talvez quando a riqueza fôr melhor repartida por todo o mundo e os homens, para angariar o negro pão, não necessitem de se arriscar a aventuras que transformam o mal-estar de que fogem em desastres fatais, sem remédio.

A. Z.

«Deus Vermelho» voltou ao Kremlin e lhe revelaram o sucedido — quis dar o exemplo e, mandando abrir a porta, entrou, alumiando-se com uma lâmpada eléctrica. Pouco se demorou. Disse apenas que não tinha visto nada de extraordinário. Estava nervoso, pálido, invulgar. No dia seguinte caiu de cama — para nunca mais dela se erguer. Este episódio está ao alcance de todos os curiosos — na pag. 118 do livro «The Red Russian» de Max Reginald e custa apenas 6 pences...

A revolução russa contagiou vários países. O que mais rapidamente exteriorizou esse contágio foi a Alemanha. Os prisioneiros alemães tinham sido inoculados pelos comunistas durante a sua estadia na Rússia — e ao serem libertos organizaram, primeiro em Berlim, depois em Hamburgo, Leipzig, etc., a famosa revolução «spartakista» com o propósito de implantar o regime soviético.

A revolução chinesa (não a de 1910, a que transformou o Império em república democrática e destronou a satânica imperatriz Sá-Lin-Sá, mas esta que enche as colunas dos jornais), ao contrário do que muitos pensam, não teve o seu inicio em 1927 — mas sim em 1918. Há, portanto, 13 anos que dura. Uma das facções é nitidamente aliada de Moscow.

Mas Moscow luta contra um tremendo arieto: a venalidade dos chineses. Um dia um general sudista, acampado nos arredores de Hong-Kong, aguardava um outro também sudista para dar a batalha decisiva. Um dia foi alertado por uma gritaria distante. Eram astropas esperadas que chegavam. Mas êle, o que já estava, assestando o seu binóculo estranhou que, ao contrário do que era natural, os soldados não traziam nos fuzis a bandeirinha com a cor dos sudistas. Pouco depois os dois generais conferenciavam e o recém-chegado declarou ao outro com o ar mais sereno e sorridente que é possível num chinês: «Sabes? Pelo caminho — ai por alturas do Rio Azul —, quando todos os meus soldados vitoriam o teu nome, encontrei-me com o general Z... (nordista) que, erguendo uma bandeira branca, pedia para parlamentar — e tais argumentos usou que resol-

viemos — eu e os meus homens — aliar-nos aos nordistas e por isso tenho uma triste noticia a dar-te: que vou cortar-te a cabeça». E cortou-a! Quanto aos argumentos usados pelo outro general, ei-los aqui: — «Ouve: quanto recebeste por batalhar pelos sudistas?» — «Tantas libras!» — «Bem! Eu dou-te o dôbro!» — O quasi ex-sudista fez um rápido cálculo de cabeça: tanto para êle; e um décimo para os seus officiaes; outro décimo para dividir pelos soldados... Bom! — «Mostra-me o dinheiro!» — exigiu prudentemente. O outro mostrou — e negociação arrumada. Na grande maioria das batalhas da revolução chinesa não se dispara um tiro — despejam-se cofres. Vence quem pagar melhor... A única mortandade verdadeira — e louvável — dessa revolução é a dos cutelos dos carrascos.

Das nossas revoluções — só evocaremos a de 5 de Outubro de 1910; e ao evocá-la não podemos deixar de recordar com emoção Machado Santos, o seu herói simbólico, que, como sucede sempre, mais tarde ou mais cedo, a todos os revolucionários da História — todos, desde Angelo até Robespierre (exceptuando Lenine) — morreu vítima da própria revolução...
R. F.

NOVELA POLICIAL

Devido a súbita enfermidade do nosso estimado colaborador e talentoso novelista sr. Américo Faria, não foi possível publicar-se na quinta-feira passada a sensacional novela *O Colar de Pérolas Negras*, que aparecerá na quinta-feira próxima.

A *Novela Policial* será muito em breve completamente remodelada, com grandes vantagens para os seus inúmeros leitores e assinantes, tornando-se a sua saída matematicamente metódica.

Bairros de mistério, de crime e de miséria

(Continuação da pag. 5)

Se o «Paralelo», engrandado de ponta a ponta com constantes arcos voltaicos, forrado, de alto a baixo do seu casarão, com jardins verticais de lâmpadas florindo, numa policromia entontecedora, os mais fantásticos anúncios luminosos, projecta para o céu um halo de incêndio como se a Lua tivesse segregado dum só jacto toda a platina que a recheia; se o «Paralelo» oferece todas as sumptuosidades dos grandes bairros de prazer luxuosos — dêle irrompem as ruelas mais alejadas, charcos de sombra pegajosa, labirintos alitivos e empedrados de cheiros nauseabundos. «El Carrér del Medio-Día» é o símbolo máximo dessa brusca degradação do «Paralelo» — e encontramos nela ao dobrar de uma esquina. Casebres que são valas estreitas onde se enterram famílias numerosas, semi-nuas, esfomeadas, encascadas em lodo, vivendo em eternas trevas e numa promiscuidade de irrações. Mas a nota mais dolorosa do «Medio-Día» é ser o centro galante da zona miserável do bairro. Que visone o leitor, se possue a imaginação de Gustavo Doré, a gravura desses seres imundos, ulcerados, esqueléticos, sinistros, andrajosos, sem idade nem formas, tentando, num Carnaval macabro, coquetear e seduzir os seres de sexo diferente mas gêmeos pela democracia do pântano; tentando embonecar-se com farrapos, maquiilhando-se com papel vermelho humedecido — para dar o *rouge*...

Foi Francisco Madrid, jovem e brilhante escritor barcelonês, que hoje conquistou um lugar de destaque nas letras espanholas, quem me levou ao «Medio-Día» com o propósito único de me revelar um dos quadros mais dolorosos que conheço. — «Para, conversa comigo para não despertarmos suspeitas, e observa com disfarce o que se passa à volta daquele portal» — indicou o meu cicerone. A volta do portal traquinava uma ranchada de *golillos* ou seja de garotos — rapazes quasi todos, duas pequenas —, todos entre oito a onze anos, todos pobremente vestidos e encardidos, alguns enfezados, dois corcundas, e só as duas rapariguinhas — velhacarias do Destino — eram graciosas, rosadas, olhos enormes, pestanudos, com um preceito tom de canalhice e de picardia nas expressões, nos gestos e nas atitudes. E eram as mais novas do rancho. Discutiam em voz alta — combinando fosse o que fosse. Por fim perfilaram-se como para dar começo à brincadeira. As duas pequenas recolheram-se no portal — os rapazes surmiram-se no ângulo da rua. Pouco depois reapareceram elas — mas sob tal metamorfose que me pasmaram. As tranças de petizas enroscadas no alto da cabeça; grosseiras flores de papel espetadas nos cabelos, triângulos de cartão negro dependurados, com cordel, às orelhitas, como brinços de *coupletista*; manchas rubras, feitas às dedadas de tinta, afogueando-lhes as faces; mais tinta, ingenuamente empastada nos lábios, transformando aquelas rosas frescas em bocarras de *clown*, e assim apalhçadas saíram ao passeio, um braço anforado, a mão na cinta, a outra mão no bolso do avental e passo bailado, pulado, requebrado. Dado o sinal, começou o desfile dos garotos. Olhares relanceados que em vão — pobres crianças! — tentavam ser maliciosos, sorrisos que eram caricaturas dolorosas da provocação, todos os detalhes repugnantes das cenas do *trottoir*.

Almas frágeis como espelhos de cristal maravilhoso atirados para o monturo e reflectindo, sem culpa, o espectáculo que os cercava, de manhã até à noite, de noite até de manhã, obcecando-os não como um crime, não como um mal, mas como uma normalidade, como se todo o género humano fosse igual aos seus vizinhos — ou aos seus pais! Brincavam a galanteria mais réles — como podiam

brincar aos policas ou aos soldados! E eu, que tanta miséria tenho contemplado nesta vida — com a serenidade de retratista —, não recorro este quadro do «Paralelo» sem me confranger, com remorsos, *só por ter visto!*

Barcelona, a heroica, a intransigente, a nobre e sacrificada Barcelona, ferce um contingente insignificante a este bairro. A grande multidão que nele se cruza e vive — é entrelaçada pelas correntes cosmopolitas que nela desaguardam todos os dias. Um *raid* nocturno ao «Paralelo», com um sábio cicerone, é um constante desfile de evocações sangrentas, de façanhas folhetinescas, de tragédias e melodramas. Entrem no «Moulin-Rouge» — e dir-lhe-ão: «Foi aqui que três *apaches* gregos, que vinham de Salónica a bordo de um barco inglês e com passagens compradas para Buenos Aires, assassinaram a *coupletista* Lolita Bolívar. Ela fizera uma longa *lournée*, recamara-se de jóias, e antes de regressar à pátria trabalhara num Casino de Athenas. Os três *apaches* — um deles apresentava-se como um Brummel moderno — conheciam-na, informaram-se, souberam a vida que fazia no *cabaret* que a contratara. Desembarcaram às 8 da noite; vieram aqui, cumprimentaram-na, convidaram-na para ceiar em gabinete reservado, após o espectáculo; e finda a ceia e depois de pagarem a conta, quando ela punha os abafos para partir, dois enlaçaram-na, amordando-a, e o terceiro, depois de a apunhalar três só golpes — despojava-a de todos os valores: 50.000 pesetas em jóias e 300 pesetas em dinheiro. Entraram a bordo às 7 da manhã, contaram ao comandante que tinham apenas passeado de automóvel; e o navio (êles já o sabiam) levantou ferro às 10. Só de manhã o creado deu com o cadáver de Lolita. Ninguém conhecia aqueles três *dandys* que apareciam no «Paralelo» pela primeira vez — e sem deixar vestígios. Enquanto a polícia, agulhoada pelos jornais, vasculhava em todos os esconços da cidade à busca dos criminosos — estes faziam uma tranqüila viagem; e ao saber-se, por um acaso (e foi a polícia grega quem deu a pista), quem êles eram — já os assassinos estavam no Uruguai e continuam a estar, garantidos pela falta da extradição e gozando os rendimentos do dinheiro tão tragicamente conquistado!»

No «Savoya» a lenda sangrenta é a do assalto de um grupo de *pistoleros* a uma sala onde cinco patrões, dos mais activos na ofensiva contra o Sindicato Único, ceavam alegremente. Defenderam-se com calor — mas o total dos cadáveres de ambos os campos foi de quatro. E terminado o tiroteio, que a barulheira do *dancing*, do *jazz*, e a distância da sala tinham velado, os foliões que se amassavam no *cabaret*, ao verem aparecer os assassinos tomaram-nos por artistas de uma *troupe* de bailarinos anunciada para essa noite — e aplaudiram-no freneticamente. No «Tokio-Bar» — que forma uma das mais vastas e populares salas de baile do bairro —, a maior tragédia data da guerra. Era o ponto de reunião dos germanófilos e dos agentes de pequena categoria da espionagem alemã. Um dia apareceu entre êles um catalão que todos conheciam. Trazia no olhar o pasmado dos que saíram da morte — quando ela já enclavinhava as suas garras. Contou... Havia um ano que habitava Paris, cumprindo várias missões secretas dos seus chefes. Uma imprudência fizera com que suspietassem dêle, o prendessem, o condenassem à morte. Só então esse moço, quem leviano do que canalha, teve a noção exacta do que fizera — e sofreu angústias sem fim. Tinha 25 anos apenas —

e amava sófregamente a vida! Nas vésperas da execução, por um desses milagres inexplicáveis — milagre apesar da ajuda consciente e hábil de uma mulher —, conseguira fugir; e — o que é mais inverosímil ainda — conseguira partir em «auto» e passar a fronteira sem incómodos. O que os seus nervos e o seu coração tinham padecido durante as 32 horas de viagem! Teve sensações de Paraíso — ao pisar terra espanhola! Os chefes tinham-no recompensado — generosamente —, mas êle, nem a preço de milhões voltaria a qualquer país aliado! A sua alegria era um mixto de sobressaltos e de alucinações e loucuras. Tão depressa ria às gargalhadas e bebia e bailava — como caía em êxtases melancólicos. Os grandes tranques nunca perdiam — nem aos que saem vencedores! A própria recordação é um tormento horrível — e ninguém pode deixar de recordar-se dessas horas malditas! Certa noite, um amigo de tertulia, repórter dum jornal germanófilo, informou-me de que tinham estado na policia três detectives franceses pedindo a extradição do ex-espia. «Mas não te assustes! Eles devem ter partido já para Paris — visto que o comissário se negou terminantemente a satisfazer o seu pedido!» O moço respirou fundo, mandou vir *champagne* e chamou várias *pillons* para a sua mesa; e tão aturdido conseguiu estar que não notou sequer um grupo de três estrangeiros que, trazendo na lapela as cores da bandeira alemã, o vigiavam numa mesa vizinha. A certa curva da madrugada o ex-espia levantou-se e foi ao W. C.; havia vários gabinetes; imediatamente dois dos estrangeiros o seguiram; e depois de trocarem um sinal com o guarda do lavabo — cada um dêles ocupou um dos gabinetes vizinhos. Os dois estrangeiros pouco se demoraram, e reunindo-se ao terceiro, tomaram um «auto» que os esperava à porta. Esse «auto» só parou na fronteira francesa. Pouco depois era descoberto o cadáver do jovem espia — enforcado com um laço habilmente deitado do gabinete vizinho. A morte fôra instantânea.

Dramas do «Paralelo»...

REPORTER X

(a) Ver as primeiras reportagens desta série no «Reporter X» n.º 54 — «Whitechapel, de Londres»; e no n.º 55 — «China-Town».

AS MAIORES «GARES» DO MUNDO

(Continuação da pag. 6)

sita. Duzentos relógios distribuem electricamente as horas por todos os recantos. O total do comprimento das vias, dentro da zona da *gare*, é de 62 quilómetros, com 450 cruzamentos, 1300 agulhas, 9 *cabines* (3 regulam a circulação, 5 os ramais dos comboios em organização, a 9.ª é como que cérebro de todas as outras e mantém o ritmo das chegadas e partidas). E contudo existe em Paris uma *gare*, menor do que a de Milão apesar das suas últimas reformas — a *gare* de St. Lazare —, cujo tráfico é ainda superior ao de aquela, devido ao número de combóios que dela partem para a *banlieue*. 1025 combóios chegam e partem diariamente (75 internacionais e 950 nacionais), com um movimento de 320.000 passageiros (ou sejam 117 milhões anuais). Na hora mais intensa (das 18 às 19), 60 combóios chegam e partem com 60.000 passageiros (ou seja 1000 por minuto).

Mil por minuto! Talvez mais do que em 24 horas na *gare* do Rossio!

Os crimes e mistérios do século XIX

(Continuação da pag. 10)

buleta se lia o nome do dr. Ganimard — o médico de Vincennes. — «Tem graça! — disse à família. — Mudou de bairro quando possuía já uma clientela numerosa! Nada mais disse, mas, por uma sucessão de ideias, pensou na coincidência daquele médico habitar Vincennes, na proximidade do bosque, enquanto o bosque era o tablado de crimes frequentes, e de se mudar para a vizinhança do Bosque de Bolonha precisamente quando o friso trágico passara para o de Bolonha. Enervado com o seu próprio raciocínio, Lucien Hugo nada teria dito à polícia se um dia não visse o médico sair do Banco onde trabalhava. Perguntou aos colegas a causa dessa visita, e eles explicaram: «Aqui está um homem com sorte! Como sabes, a fortuna da infeliz M^{me} Silvain estava depositada aqui. O nosso director recebeu, há tempos, de New-York, uma carta acompanhada de documentos, provando que a próxima parenta da morta era sua irmã e não sua prima; e como esta falecera, o seu herdeiro era um filho natural (que ignorava o seu nascimento mas que os documentos juntos provavam) — um tal Ganimard. De investigação em investigação encontramos o herdeiro. Foi tão grande o seu desgosto ao conhecer o segredo do seu nascimento que se recusou a receber a fortuna. Por fim aceitou-a, mas com repugnância.» Esta revelação cortou as últimas hesitações de Lucien, que imediatamente confidenciou com a polícia. Esta, durante algum tempo, vigiou o médico; e ao ver que para cada vítima ele preparava habilmente uma história, graças à qual conquistava o seu pecúlio, sem despertar suspeitas, não duvidou em acusá-lo e prendê-lo. Defendeu-se enquanto pôde, e por fim confessou-se o autor unico de todos os crimes praticados em Vincennes e no «Bois de Bolognes», num total de... 28 vítimas, em menos de 10 meses! A sua técnica era *maquievelica*, como diria Rebeaud... Estudava uma família; procurava ganhar-lhe a confiança; aconselhava-lhe passeios pelo bosque; procurava que esses passeios se rematasse em certas horas e em certos locais favoráveis aos seus planos; estabelecia um cerco de arame à volta; dava-se por encontrado, e com uma rapidez de *virtuose do crime*, usando instrumentos de cirurgia, assassinava os desgraçados, sem que sequer gritassem; e quando, por uma pequena imprudência, alguma das vítimas tentava fugir, ia esbarrar contra o cerco de arame e caía, dando tempo a que a fera lhe formasse o salto.

Os crimes do dr. Ganimard foram dos que mais impressionaram a França no século XIX, e o seu julgamento ficou célebre. O assassino foi guilhotinado em 5 de Outubro de 1842, e a custo os gendarmes impediram que a multidão o linchasse.

OS MISTÉRIOS DE LONDRES

A Inglaterra teve também um século XIX hiper-trofiado de crimes monstruosos. Os últimos e os que ainda hoje nos causam *frissons* ao evocá-los foram os de «Jack, o Estripador», mistério que nem os «Sherlocks» de Scotland Yard conseguiram transparentar. No último quartel do século a polícia começou a encontrar, caídas pelas costas mais sombrias de Whitechapel ou pelos portais de ruas suspeitas, raparigas do *troutrou*, a quem o assassino matava estripando-as com a pericia de um cirurgião. Logo no primeiro mês recolheram à *Morgue* doze destas pobres moças. Espalhou-se um verdadeiro pânico em Londres; e por maiores esforços que a polícia fizesse, não só não prendeu o estripador como nem sequer conseguiu evitar o prosseguimento da série sangrenta. Durou um ano esta orgia de banditismo. Súbito, estacou e nunca mais se tornou a ter notícias de «Jack». O total das vítimas atingia algumas dezenas, todas elas recrutadas entre as infelizes da valeta londrina e mortas pelo mesmo golpe de mestre, ou seja desventradas. Estes detalhes levaram, anos depois, um criminalista — dr. James With — a concluir

que «Jack» devia ser um médico alucinado por qualquer dôr amorosa que procurasse vingança da traição que sofrera, ferindo no ventre todas as mulheres impúdicas. Ora precisamente nessa época deu-se na alta sociedade londrina um escândalo que coincide com as deduções do dr. With. Um médico famoso, dr. Maurice Lemann, casara com uma actriz de opereta, das mais belas de Inglaterra. A aristocracia tentara fechar-lhe as portas; mas ele, com uma nobre energia, impô-la a todos os salões. Passado um ano, a esposa fugia-lhe com um *petit-maitre* qualquer. O dr. Lemann abandonou a clínica, amigos, a própria família, recolhendo-se apenas com um criado; e este insinuava que o amo não estava no seu juízo. Um dia despediu esse criado, dizendo que ia partir para uma longa viagem, e durante algum tempo (precisamente no período das proezas de «Jack») ninguém o viu em Londres. No mês seguinte ao último crime, reapareceu, envelhecido, sim, mas calmo e sem manifestações de desequilíbrio. Esse médico faleceu com 65 anos em 1908.

OS CAIXOTES DO JUDEU DE BERLIM

O crime mais satânico de Berlim do século passado é o do judeu Mayer Brun, emigrado da Polónia. Sem família nem creados, instalou em 1872, num casebre miserável de Duckenstrasse, uma loja de ferro-velho. Duas anomalias chamaram a suspeita da vizinhança. Uma era que quasi todas as noites Mayer Brun paria guiando um carroço fechado, voltando de madrugada, e descarregando para a lojaça pesadíssimos caixotes, que eram sempre iguais. A outra era o facto de se ter descoberto que o miserável ferro-velho possuía importantes depósitos nos Bancos, depósitos que aumentavam continuamente.

Por essa época Berlim vivia sob o sobressaio de uma epidemia de terror. Rara era a semana em que não se anunciava o desaparecimento de um filho de família, e nenhum dos desaparecidos deixava vestígios ou tornara a dar sinais de vida. O mistério teria ficado para sempre indecifrado se não fosse a astúcia e a coragem de um jovem aristocrata, Otto Beyerlein, sobrinho do general que cercou Paris em 70 e mais tarde... pai do que foi ministro da guerra de Guilherme II durante o conflito franco-alemão sobre Marrocos. Otto Beyerlein vivia uma existência de estroinices de rapaz rico e caprichoso. Uma noite, um dos seus amigos recusou-se a acompanhá-lo, segredando-lhe que se tratava de uma conquista amorosa — uma mulher que ele há muito cortejava em vão e que finalmente consentira em recebê-lo em sua casa. Esse amigo partiu para a aventura; Otto ouviu-o dizer ao cocheiro a direcção de Kurfurstendam — e nunca mais tornou a ser visto. Semanas depois, um outro amigo confidencia-lhe que está enamorado duma bela judia que habita uma vila elegante em Kurfurstendam, mas que ela resiste teimosamente — e dias depois desaparece também. Otto liga imediatamente os factos e resolve afrontar o perigo. Não descansa enquanto não descobre quem é a bela judia. Chamava-se Sarah Volkhardt, surgira um belo dia em Berlim numa onda de perfume, de deslumbramento e de mistério, vivia sózinha com duas creadas, frequentava apenas alguns teatros, fazia uma existência irrepreensível e seduzia todos os homens que a viam, resistindo a todos, sem uma transigência. Otto começou a fazer-lhe a corte, discretamente, e, durante algum tempo, sem o menor êxito. Uma noite a bela judia enviou-lhe o mea das creadas. A ama — confidenciou a creada — sympathizava de facto com Otto; mas como tinha em muita conta a sua reputação, que esperasse mais alguns dias para que ela se certificasse, de que ele não era desses galãs pretenciosos e indiscretos que correm logo aos cafés a basofiar de tenórios mal conseguem a menor transigência da mulher que cubi-

cam. De facto, Otto sentiu-se vigiado durante aquele prazo, mas da sua boca não saiu a menor referência à bela judia; e esta, satisfeita com a sua correcção, marcou-lhe a primeira visita para uma noite próxima, impondo-lhe a maior prudência, que ninguém suspeitasse, e que obedecesse cegamente à creada que o iria buscar a um local combinado. Fizeram-no entrar por uma porta traseira, numa rua deserta. Sarah aguardava-o num salão, com uma mesa para a ceia, onde não faltava o *champagne* nem os licôres. Alertado contra todas as ciladas, Otto não perdia um detalhe da cena... Desconheceu logo do *champagne*, que ela, a qualquer pretexto, se recusava a provar mas com que lhe enchia continuamente a sua taça. Escusado será dizer que Otto, afetando exuberante alegria, gargalhava sempre que levava a taça à boca, para que o *champagne*, escorrendo pelo guardanapo, fôsse cair sobre o tapete. Esvaziada a pequena garrafa notou um certo alarme na expressão da judia. Concluiu que, de costume, as vítimas começavam a intoxicar-se com aquela dose. Imediatamente iniciou o papel de atontado, contraindo o rosto, e confessando sentir-se mal. Um ligeiro sorriso floriu nos lábios de Sarah, prova de que o seu raciocínio estava certo e de que a sua falsa intoxicação era bem imitada. Resolveu por fim cambalear e cair de borco. Ela esperou alguns instantes, impassível; a seguir, dirigindo-se a um reposteiro, chamou alguém. Apareceram então na sala duas novas personagens: uma creada velha e um velho de barba e nariz adunco. Este ajoelhou-se e auscultou Otto. — «Ainda vive! — murmurou com desgosto. — Mas não convém demorar-nos. *Esticará* pelo caminho; e se não *esticar*, acabo-o na loja.» Foram buscar um grande caixote à sala vizinha, e pegando no corpo de Otto meteram-no dentro, fechando a seguir a tampa. Contou Otto mais tarde aos jornalistas que foi este o pior bocado da sua aventura. O caixote, destinado a conduzir cadáveres, não tinha outros respiradouros do que os das frinchas, o que por pouco não asfixiava o valente moço. Sentiu que o transportavam para um carro e durante dez minutos foi sacudido pelo solavancar da marcha. Por fim estacaram; e como desta vez era só uma pessoa a transportar o pesado fardo, magoou-se bastante ao ser atirado para o passeio. Passado um quarto de hora percebeu que estavam abrindo o caixote. Otto, procurando reünir toda a sua energia, preparou-se para a cena final, retirando dos bolsos, como pôde, as duas pistolas com que se armara. Calcule-se a cara que fez Mayer Brun, o ferro velho judeu, ao ver saltar do caixote, de pistolas engatilhadas, o... «morto»! O seu pasmo ou o seu terror — é possível que se julgasse vítima de um castigo divino — paralisou-o. Conduzido ao primeiro posto policial, confessou o segredo maquievelico das suas façanhas. A bela judia era filha e a velha creada sua esposa, uma família medêlo, pelo visto.

Tinhm iniciado o «negócio» em Varsóvia, mas, temendo as suspeitas policiais, tinham-no transferido para Berlim, dispostos a mudarem regularmente de terra como garantia da impunidade. Viviam sempre separados, como desconhecidos. A filha atraía jovens ricos, envenenava-os à ceia; o pai encaixotava-os, conduzia-os à lojaça, como se fossem... ferros velhos, e, assim, em caso de assalto policial à casa de Sarah, nunca se encontraria o menor vestígio da vítima. Uma vez na lojaça despojava-os de tudo. O que Mayer Brun nunca confessou — e este mistério mantém-se até hoje — foi o segredo da desapareição dos cadáveres. Abriam-se os soalhos, cavou-se um pequeno quintal pertencente à lojaça, e nunca se encontrou um único sinal das suas dezasseis vítimas... Nesta macabra charada assemelha-se à Landru.

E que digam depois que o banditismo moderno atingiu o máximo maquievelismo!

R. X.

NOVELA N.º 28

Quinta-feira, 3 de Setembro de 1931

O COLAR DE
PÉROLAS NEGRAS
(Aventuras dum «reporter»)

SENSACIONALÍSSIMO
ORIGINAL INÉDITO DE AMÉRICO FARIA

LEIAM
